Curso Online de Filosofia

OLAVO DE CARVALHO

Aula 09
20 de junho de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso de Filosofia Online.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Então, vamos trabalhar! Boa tarde a todos, sejam bem-vindos! Queria avisar que alguns alunos de Londrina estão assistindo essa transmissão em grupo. Àqueles que quiserem participar, eu recomendo. Quem puder, quem estiver na região e quiser participar desse grupo, por favor, entre em contato com o administrador do curso, Silvio Grimaldo, ele dará a dica. Eu acho muito bom assistir em grupo.

Muito bem, vamos começar. Há uma pergunta aqui que vem a calhar com o que seria o assunto da aula. Eu vou começar respondendo essa pergunta para, através dela, entrar no assunto da aula e depois, no fim, eu voltarei às outras perguntas.

Aluno: Caro professor Olavo, sou aluno do curso de filosofia. Antes de qualquer coisa gostaria de expressar minha gratidão por esse curso, por o senhor se dispor de tão boa vontade no auxílio de tanta gente. Eu estaria numa situação muito difícil se não fosse por você. Tive uma dúvida a respeito de uma questão que o senhor levantou na nona aula do curso. Quando você estava falando sobre a questão do determinismo e do livre arbítrio o senhor fez as seguintes considerações sobre o determinismo: "se eu estivesse totalmente pré-determinado, os meus pensamentos também estariam pré-determinados e não haveria possibilidade de eu me colocar alternativas. Se eu estou pré-determinado, os meus conhecimentos também estão pré-determinados e estão pré-determinados todos, desde já. E eu tenho em mim todo o conjunto das pré-determinações que me definem, portanto, eu tenho de tê-las não só no meu ser, como também no meu conhecimento. Então, se eu fosse totalmente pré-determinado, eu não poderia me propor essa questão."

Olavo: Isso aí foi o que eu disse, eu vou voltar aí já, já.

Aluno: Estudei durante muito tempo a psicologia comportamental, particularmente a escola de B. F. Skinner e não consegui relacionar a refutação apresentada pelo senhor como determinismo comportamental descrito pelos behavioristas. Os comportamentalistas falam que não existe livre arbítrio e que todo nosso comportamento e personalidade são determinados pela nossa história e pelo que aprendemos do e no ambiente. O ambiente sendo todo o conjunto de estímulos externos que nos circunda e nos condiciona completamente. Tudo o que fazemos está determinado pelo que aprendemos e pela nossa história de condicionamento, de modo que não

existe liberdade alguma. Dizem, então, que todos os nossos pensamentos estão determinados por nossas referências ambientais, e que todas as alternativas que nos colocamos estão condicionadas e determinadas pelo conjunto de alternativas possíveis que nos são ensinadas pelo ambiente. O livre arbítrio, dizem os behavioristas com desdém, é um mito. Gostaria que o senhor comentasse esse argumento usado pelos psicólogos behavioristas.

Olavo: Em primeiro lugar, existe uma diferença entre o determinismo como doutrina metafísica e como uma teoria de psicologia experimental. O determinismo a que se refere o behaviorismo não tem o mesmo alcance total e abrangente que tinha, por exemplo, para Lutero ou Calvino. Calvino dizia que quando você nasce já é tarde pra tentar salvar ou domar você. Você nasceu, já está tudo feito, então ele está se referindo ao destino último do homem que já está pré-determinado no nascimento. Na verdade, antes de você ser gerado, seu destino já está todo demarcado. Claro que não é disso que os behavioristas estão falando. Eles estão falando de um determinismo muito mais limitado, que é definido pelo ambiente em torno. Se a sua conduta, a sua vida psicológica reflete o ambiente em torno, ela já não está pré-determinada, porque ambientes diferentes produzirão condutas diferentes, então, se por acaso você mudar de ambiente, você vai ter de ter outra reação. Quer dizer, se você pega o índio de uma tribo e o coloca numa outra tribo, pronto, já bagunçou toda a programação dele.

A palavra que está sendo usada é a mesma. É determinismo em um e determinismo no outro, mas não se trata da mesma coisa, não se trata do mesmo conceito de maneira alguma. Uma coisa é pré- determinação metafísica, não só o curso da sua vida está pré-determinado como também seu destino eterno. Quer dizer, você já esta salvo ou já está condenado de antemão, então, tudo o que se passará com você não só nesta vida, mas por toda a eternidade, já está definido. Isto é o determinismo no sentido de Lutero e Calvino.

O determinismo do Skinner e de todos os behavioristas é uma coisa muito mais limitada. Ele está se referindo apenas à dificuldade que elas têm para agir ou pensar ou conceber qualquer coisa para além ou para fora daquilo que o seu ambiente determinou, então, essa dificuldade, ela existe mesmo. O que nós podemos contestar é apenas se o ambiente tem esta onipotência completa que diz o behaviorista. A mim, me parece que a teoria behaviorista é auto-contraditória, porque se eles têm a pretensão de modificar as pessoas modificando o ambiente, então já não se pode falar de determinismo. Ele está apenas falando de uma relação de causa e efeito, que existe, quer dizer, se você moldar o ambiente assim, você moldará as pessoas desta ou daquela maneira. Agora, você não vai dizer que o ambiente do B. F. Skinner o moldou para que ele moldasse o ambiente dos outros, não é possível isto. Se o próprio Skinner tem a capacidade de moldar o ambiente alheio, é porque o ambiente não é tão onipotente quanto ele diz.

Na verdade, o Skinner não discute a coisa em termos metafísicos, quer dizer, ele não chega a colocar se existe um determinismo em sentido metafísico ou não. Ele está apenas partindo de um fato de experiência que é: em geral o pensamento das pessoas reflete apenas a influência do meio, mas nós não

poderíamos dizer a mesma coisa do pensamento do B. F. Skinner. Será que toda ciência behaviorista foi ela toda determinada pelo ambiente? Não é possível. A existência da ciência behaviorista já reflete um desejo de aprender a relação de causa e efeito para poder manipulá-la de algum modo. Se o behaviorismo tem algum sentido técnico, então a teoria dele está errada.

Isto é um caso extremo de paralaxe cognitiva. Se for possível aplicar o behaviorismo na prática é porque, como teoria, ele está errado. Se você é totalmente mudado pelo ambiente, em todos os momentos da sua vida, então não faz sentido você querer moldar o ambiente, não é? Aí você tem um exemplo de circularidade e uma circularidade absolutamente insustentável. No entanto, qual é o peso real dessa influência do ambiente? Este é precisamente o assunto da nossa aula e essa pergunta veio muito a calhar.

Se você esta pré-determinado, estão determinados seus conhecimentos também e, portanto, o conteúdo todo da ciência behaviorista tem de estar pré-determinado pelo ambiente também. E a pretensão behaviorista de moldar o ambiente e a sua técnica de moldar o ambiente tem de estar pré-determinada também. O que é totalmente impossível, mesmo porque você pode mudar o ambiente num sentido ou no outro. Por exemplo, eu vou treinar, eu vou criar ambientes para fazer pessoas, digamos, corajosas ou covardes? Eu quero que elas tenham autoconfiança, iniciativa etc.? Ou quero que fiquem tímidas, inibidas e incapazes? O que eu quero? Quando Skinner decide montar um ambiente para isso ou montar um ambiente pra aquilo, isto já está pré-determinado? Ou ele tem de fazer uma escolha? Evidentemente ele tem de fazer uma escolha. Se ele não pudesse fazer uma escolha, ele não poderia fazer um experimento científico. O experimento científico pressupõe hipóteses diferentes e contrastantes. Ele tem de testar uma coisa e testar outra.

O que eu chamo de paralaxe cognitiva é sempre o deslocamento entre o eixo da experiência real e o eixo da teorização. Quando a teorização não reflete as próprias condições em que a experiência se desenrolou, você tem um caso de paralaxe cognitiva, e isto é típico. Se não houvesse livre arbítrio não poderia haver experimento científico. Você não poderia testar uma alternativa, depois outra e assim por diante. Você só poderia testar dentro da mesma linha, então se aplica perfeitamente aqui o mesmo argumento. E se aplica até mais facilmente ao caso do behaviorismo do que ao determinismo integral de Lutero e Calvino, porque neste caso está tudo pré-determinado. Estão pré-determinados seus pensamentos e seus conhecimentos e, portanto, se você levanta a questão **[00:10]** do determinismo e livre arbítrio, esta questão também está pré-determinada. Está pré-determinado que você vai ter a ilusão de poder ser livre e de que você vai se colocar este problema. Então, Deus te enganou.

No caso de Lutero e Calvino o determinismo só é contraditório com o dogma da bondade de Deus, porque se está tudo pré-determinado, então Deus me enganou, Deus me deu a ilusão da liberdade e que eu posso escolher, digamos, entre o vício e a virtude quando, na verdade, já está escolhido. Então Deus me enganou, então esse Deus não pode ser bom. Haveria uma contradição com a doutrina moral do próprio cristianismo. Mas, no caso do behaviorismo, a ilusão, a contradição é mais material ainda, mais simples e mais brutal porque ela é contraditória com as condições de realização do experimento científico.

O experimento científico é constituído de alternativas. Se não houver alternativas, se não houver hipóteses contrastantes, então não há ciência nenhuma. Por exemplo, a conduta do seu fulano de tal é toda determinada pelo ambiente ou ele tem margem de manobra? Se eu coloco esta questão eu tenho que poder testá-la em condições diferentes, e quem escolhe estas condições: sou eu, ou elas também já estão pré-determinadas? É claro que não. Isto quer dizer que, em primeiro lugar, o determinismo behaviorista não tem pretensões metafísicas, não há um determinismo integral, é um determinismo relativo e tudo o que ele quer dizer é que a margem de manobra do indivíduo na sua totalidade esta condicionada ao conjunto do ambiente. Muito bem, em que medida isto é verdadeiro ou não?

Em primeiro lugar, como não se trata de um problema metafísico, é um problema científico experimental, não há resposta teórica, você só tem a resposta empírica e esta resposta não precisa ser necessariamente a mesma para todos os seres humanos. Ora, a coisa mais simples é você perceber que nem todas as pessoas são dependentes do ambiente na mesma medida. Ou seja, nem todas as pessoas respondem com igual passividade e obediência aos impulsos do ambiente imediato. Mas muitas teorias científicas padecem de um defeito fundamental: os seus conceitos não são conceitos descritivos, são conceitos de figura de linguagem. Por exemplo, a palavra ambiente é uma figura de linguagem, ambiente é um termo que você pode usar em geografia, você pode usar em decoração, você pode usar em cinematografia, você pode usar num monte de contextos diferentes e ela significará coisas diferentes em cada um desses contextos.

O que quer dizer o Skinner, a escola behaviorista, com *ambiente*? Por exemplo, nós temos o ambiente civilizacional do qual faz parte, por exemplo, as tradições cristãs, judaicas e greco latinas. Tudo isto é parte do nosso ambiente civilizacional. É deste ambiente que o Skinner está falando? Nós também temos aqui o ambiente planetário, no sentido ecológico da coisa e temos o ambiente cósmico, os planetas em torno e tal. A qual destes ambientes eu estou submetido?

A influência do “ambiente”, não é um conceito científico, é uma simples figura de linguagem. Ela não esta se referindo a nenhum fenômeno preciso. Com *ambiente* o sujeito está querendo dizer “tudo aquilo que não é eu”. Então é o Ortega y Gasset “Yo soy yoy mi circunstancia”. Até onde vai minha circunstância? Por exemplo, qual é o âmbito temporal no qual você vive? Quando você é pequenininho, qual é o âmbito temporal e espacial no qual você vive? O seu ambiente espacial é o seu quarto e a sua casa, no máximo. Você não sabe nada para além daquilo ali. Você pode se perder até dentro de casa. Você sabe que existe alguma coisa para além da sua casa, mas a chave que abre a porta de acesso desse ambiente maior é o seu pai e a sua mãe. Você não vai agir baseado na confiança que você tem no seu próprio conhecimento do ambiente externo, porque você sabe que não o conhece, mas você supõe que papai e mamãe o conheçam. Então eles são o mapa do ambiente externo. Quando você vai atravessar a rua, e sua mãe te dá a mão, ela esta fazendo uma mediação entre você e o espaço em torno. Você não está tendo uma relação direta com o espaço em torno. Essa relação é determinada pelo conhecimento que sua mãe, seu pai ou um adulto qualquer tenha desse

espaço. Ela está te guiando nesse espaço. A criança pode ir até a esquina e na esquina já se perdeu, não é isto? Então significa que ela não tem o domínio próprio do espaço externo, a relação dela com o espaço tem de ser mediada por outro tipo de relação completamente diferente, que não é a relação espacial, é uma relação social e afetiva. Sem essa relação social afetiva ela está perdida no espaço.

Já não se pode dizer a mesma coisa de um adulto. Para um adulto caminhar na rua, se orientar na cidade, depende de uma relação social e afetiva? Absolutamente não. Essa mediação afetiva existe para a criança, mas não existe para um adulto. Você percebe que, na passagem da infância para a idade madura, houve não só uma ampliação do espaço percorrido, do espaço à sua disposição, mas também um aumento da sua autonomia na relação com esse espaço.

A mesma coisa acontece com relação a outros domínios. Por exemplo: a linguagem. A criança já desde pequenininha está ouvindo os outros falarem, a maior parte do que os outros estão falando ela não entende. Ela entende só um pedacinho. A relação dela com este mundo de signos também é mediada por uma relação afetiva. Por exemplo, a mãe e o pai podem estar interessados em ajudar a criança a aprender a falar, então, nesse caso, ensinarão palavras novas a ela, ajudarão a criança a se comunicar quando não consegue e assim por diante. Mas e se ninguém ligar para a criança?

Eu vou contar uma experiência que eu tive. Quando eu tinha uns dezoito anos, eu fui trabalhar num negócio chamado recenseamento escolar. Fui trabalhar, não, me ofereci de voluntário para ficar lá um mês e nos mandaram para um lugar no litoral sul do Estado de São Paulo, que é a região mais atrasada que tinha. Os mapas que nos deram para percorrer a região eram tão antigos que os rios assinalados já estavam secos. Acho que foi o General Rondon que fez aquele mapa. Então a gente andava no meio do mato e de repente achava algumas cabanas. A gente anotava se os moradores eram casados, quantos filhos tinham, se estavam na escola. Chegamos lá e encontramos um casal que era assim, um sujeito meio alemãozão casado com uma mulher preta e aquele bando de filhos. Eu peguei os meus papéis, peguei os formulários e comecei a preencher. Tinha um menino que parecia ter uns oito e eu perguntei: — Como é o nome desse aqui? A mãe falou: — Ele não tem nome, não. Eu falei: — Mas como, minha senhora? O que é isso aqui? É minhoca? É tatu-bola? É uma árvore? Esse aqui é um cidadão brasileiro, tem de ter nome! — Não. Não tem. — Mas vocês nunca falam com ele? — Não.

Eu não perguntei mais nada, fiquei quieto. Minha capacidade verbal acabou. Eu vi isso com meus próprios olhos. Era um cidadão brasileiro sem nome. Imagine cada um de vocês: você não tem nome, não tem um jeito de chamar você, como é que vou chamar? Ô psit! Ô meu! Ô do chapéu aí! Quer dizer, cada vez te chamam de uma maneira diferente, não é? **[00:20]** Se te chamam!, porque também não têm nada para te falar, nunca falaram nada. Então, dá para imaginar que o domínio da linguagem que esse cidadão tinha era muito deficiente. Por volta dos oito anos, ele devia ser capaz de falar umas três palavras. É uma desgraça, evidentemente. Mas essa situação extrema nos mostra o quanto é importante para a nossa conquista da linguagem a

mediação afetiva, quer dizer, alguém que gosta de você e se preocupa em te dar os meios de comunicação.

Eu me lembro de quando era pequenininho — aliás, eu não lembro, é a minha tia que contava isto, eu não me lembro da cena —, ela disse que uma vez chegou em casa e ouviu uma risada que vinha do quarto: estávamos eu, o meu pai e o meu irmão ali no quarto. Nós ríamos que nem uns loucos, daí a minha tia perguntou à minha mãe: “O que é que o Luiz está fazendo com as crianças?”, e minha mãe respondeu: “Ele está ensinando a eles todos os palavrões”. Nós achamos aquilo maravilhoso. Foi algo que ampliou formidavelmente o nosso vocabulário e facilitou a nossa relação com os demais meninos. Menino fala palavrão pra caramba, e se você fica no meio daquela conversa sem entender o que eles estão falando, você fica meio atemorizado. Então, saber todos os palavrões era nos dar um instrumento para nós podermos nos orientar no ambiente infantil. Uma alta contribuição à nossa cultura. Agora, existem pessoas às quais ninguém se preocupou de ensinar sequer os palavrões. É claro que meu pai não me ensinava só os palavrões!

Quer dizer que a sua participação no ambiente vai sendo ampliada por meio de uma série de outras relações que você tem. Uma relação abre, te dá a chave para outra relação. Pode ser uma relação humana que te dá acesso a uma relação com o ambiente físico. A relação com o ambiente físico te dá acesso a outra relação humana, e assim por diante. Mas a cada etapa da sua vida, a cada dia da sua vida, você pode conceber que você tem um universo de referências, coisas que você sabe e com as quais conta para se orientar na sua vida diária. Por exemplo, você pode se perguntar: “Qual é o domínio que eu tenho do espaço em torno?”, “Até onde eu sei ir na minha cidade, sem me perder e sem ter de perguntar?” Ninguém conhece uma cidade inteira, nem motorista de táxi. Até motorista de táxi, que percorre a cidade o tempo todo, às vezes tem de parar e perguntar. Ou seja, a relação dele com o espaço em torno volta a ser mediada por uma relação humana. E essa relação humana é determinada pelo quê? Por um código de normas de polidez que geralmente as pessoas obedecem. Então, se o motorista perguntar “Meu amigo, onde fica a rua tal?”, e o sujeito responder “Vai lamber sabão”, como é que você faz? E se ninguém quiser te responder? Então, note bem, a sua mobilidade no espaço urbano depende de um código que não tem nada a ver com o espaço urbano. As normas de polidez não são espaciais. Elas são um código, uma hierarquia de valores atribuídos à conduta humana. Mais ainda, se fosse só um código, seria uma imposição externa, mas não é um código, esse código está internalizado, as pessoas já reagem assim porque elas gostam de reagir assim.

Eu reparei que em alguns lugares as pessoas reagem de maneira diferente quando você pede uma informação. Por exemplo, quando eu estava na Bahia, nos anos oitenta, eu achei os baianos o povo mais educado do Brasil, porque você perguntava “Onde fica tal coisa?”, e a pessoa dizia “Ah, eu vou lá com você”. Isso nunca acontecia em São Paulo, porque em São Paulo todo mundo está sempre nervoso, com pressa. Aliás, o carioca diz que o paulistano só dá informação errada. Deve ser verdade, tanto que no Rio você pergunta “Pra onde fica tal lugar?”, e a pessoa responde “É assim, assim, assim. Não é dica de paulista não, viu?”. Quer dizer, eu estou falando algo confiável. Mas na

Bahia as pessoas te acompanhavam até o lugar. Portanto, num desses lugares, a sua relação com o espaço fica muito facilitada por um fator que não tem nada a ver com o espaço. É como se fossem dois códigos: de um lado, você tem o mapa da cidade; de outro lado, você tem um código de conduta, com o qual você conta. Ou seja, você se orienta melhor num desses códigos do que no outro. Se você conhecesse o mapa da cidade melhor do que conhece as expectativas de reação humana, você não precisaria perguntar nada para ninguém.

A cada momento nós temos um conjunto de sistemas de referências — referências espaciais, temporais, lingüísticas, afetivas etc. etc. Em que medida esse conjunto pode ser determinado pelo ambiente? Em medida nenhuma. Porque o ambiente pode te dar essas referências, mas ele não vai determinar se você vai apreendê-las ou não. Você dá a mesma referência para um grupo de dez pessoas, cujo QI vai de 75 a 140, e elas não vão aprender a mesma coisa. Quer dizer, o seu conjunto de referências não é determinado pelo ambiente de maneira alguma; ele é fornecido pelo ambiente, mas você seleciona de acordo com a sua capacidade — capacidade que o ambiente pode ter contribuído para aumentar ou diminuir um pouco. A pessoa não muda muito de QI.

Este conjunto de referências determina as suas possibilidades de ação e aprendizado, e, ao mesmo tempo, é ele que limita essas possibilidades. Então, toda a educação consiste em dar ao indivíduo possibilidades de ampliar esse quadro de referências. Não só de ampliá-lo, mas de adquirir um domínio maior, ou seja, uma consciência maior da unidade e coerência interna desses vários sistemas, a ponto de tornar o indivíduo, se possível, capaz de expressar tudo isso em palavras — não quantitativamente, não todos os elementos, mas capaz de dizer a si mesmo quais são os códigos nos quais ele tem baseado as suas ações, a sua conduta, as suas reações etc. etc.

Faça essa pergunta para você mesmo: você tem consciência desses códigos e qual a fonte deles, de onde eles provieram? Onde você aprendeu a reagir assim? Por exemplo, os seus códigos de simpatia e antipatia: quais as pessoas de que você deve se aproximar ou de quais não deve. De onde você absorveu isto aí? Você não nasceu assim, certamente. Você não pode ter nascido com preferência por determinados grupos, porque você não conhecia esses grupos. Então, este é um dado que é absorvido do ambiente. Por exemplo, eu me lembro que na minha casa a gente não tinha nenhum preconceito contra preto porque a casa era cheia de pretos. A minha tia era comadre do Ademar Ferreira da Silva, aquele sujeito que foi campeão olímpico de salto triplo, que era preto, e a família do Ademar estava sempre lá. Mas a família tinha preconceito contra italiano. Por quê? Porque minha tia era getulista roxa, era eleitora do PTB, e quando acabou o governo Vargas, ela rasgou o título de eleitor **[00:30]** e nunca mais votou. E como o Vargas estava associado à guerra, e a guerra era contra os italianos, então para ela os italianos não prestavam. E eu lembro de ter guardado isto na minha cabeça, de modo que quando eu encontrava um carcamano na escola, eu já olhava com uma certa desconfiança: “não, esse aí é ladrão”. É uma coisa que não tem fundamento, evidentemente, mas que era um dado da minha formação. Eu sei de onde veio esse dado, sei porque ele existe, eu sei qual é a origem histórica e sociológica

dele e sei o impacto que ele teve sobre mim. Então eu posso controlar mais ou menos isto. Mas, e se você não sabe de onde os dados vieram? Que condição tem você de julgar aquilo?

Para você conseguir ampliar o seu domínio do espaço, você precisa se apoiar na ajuda que você recebe da família, e cada vez que eles te levam num lugar, você vai ter de receber dois benefícios: o primeiro é que eles te levaram; o segundo é que você aprendeu o caminho. E se você não aprender? No dia seguinte vão ter de levar de novo, e de novo, e de novo. Então, você só tira o primeiro benefício, passivo, mas não incorpora aquilo. Isto que eu estou dizendo se aplica a uma infinidade de domínios, em tudo é assim. Você vai incorporando aquelas relações que a tua mãe, o teu pai, a tua família foram abrindo e que se tornam suas. A primeira vez é sua mãe que está levando; a segunda vez é você que está indo. Veja a diferença enorme que isto faz. Quer dizer, aumentou a sua possibilidade de ação.

Do mesmo modo, no seu domínio da linguagem. Cada vez que te ensinam uma palavra, na próxima vez você vai falar a palavra sozinho, por sua própria iniciativa. A não ser que você não lembre e tenha de perguntar de novo, de novo, e de novo. Tem gente que é assim. “O que é que quer dizer isso mesmo?” Você explica, e no dia seguinte ela esquece.

O ambiente só pode determinar a nossa conduta através desses códigos. É o conjunto mais ou menos organizado desses códigos que determina a nossa conduta, e não o ambiente diretamente. A influência do ambiente é mediada pela sua capacidade de aprendizado. O ambiente não pode também determinar a sua capacidade de aprendizado. Se o ambiente determinasse a capacidade de aprendizado, todos que estão no mesmo ambiente aprenderiam exatamente as mesmas coisas. Quem quer que tenha dado aula um dia, entende que as coisas não são assim. Você dá uma aula para trinta pessoas e cada uma aprende de acordo com a sua capacidade. Se não, por exemplo, por que existem notas nas escolas, de 0 a 10? Por que existe essa graduação? Porque nem todos aprendem a mesma coisa quando foi ensinada a mesma coisa a todos! Basta isso para você entender que a influência do ambiente não é direta, ela passa pela sua capacidade de aprendizado.

Só tem o seguinte: o que não está no ambiente você não aprendeu. Ou seja, o ambiente tem uma função limitadora. Então, o que o ambiente não lhe passou, você certamente não aprendeu, embora essas informações faltantes possam estar depositadas em algum lugar do ambiente; elas apenas não vieram até você. Você é que, se as quiser, vai ter de ir até elas. E no caso de você querer ir até elas, o ambiente pode facilitar o seu acesso a elas ou não.

Quando eu mudei para os Estados Unidos, umas das primeiras coisas que eu notei é que aqui é muito difícil você se perder nas estradas, porque tem tanta placa, que você acaba achando; mesmo que você se perca, acaba achando. Você pode dizer a mesma coisa do Brasil? Da cidade de São Paulo? Aquilo é um território caótico, e as placas não te dão indicação suficiente, então é facílimo você se perder em São Paulo. Isso quer dizer que o acesso à informação está facilitado num lugar, mas não está facilitado no outro. Quer dizer que a amplitude de território que as pessoas têm aqui é muito maior do

que em São Paulo. Uma segunda diferença: aí tem transporte coletivo, aqui todo mundo anda de carro. Quando chega aos quatorze, quinze anos, todo mundo já está andando de carro. Se não souber andar de carro, você está ferrado. Significa que aqui é normal as pessoas terem um domínio territorial imenso, mesmo porque tudo fica longe (o sujeito mora aqui e estuda a duas horas). Então qualquer moleque de quinze, dezesseis anos, possui um horizonte territorial imenso. No entanto, o fato de o ambiente colocar essas informações à disposição não que dizer que você vai aprender, porque o ambiente não vai determinar a sua capacidade de aprendizagem.

Qual é a possibilidade que você tem de buscar informações que estão para além do seu ambiente imediato? Por exemplo, a história da sua família. De onde você veio? Quais os dramas que antecederam a sua vinda a este mundo? Qual é a história dos seus antepassados? A esses dados você não pode ter acesso visual, não vai poder conhecer por experiência direta; você vai ter de pedir que lhe contem e completar imaginativamente aquela coisa. A maior parte das pessoas que eu conheci no Brasil tem uma idéia muito vaga disto aí. Ou seja, conhecem a história do seu pai e de sua mãe, e o que ficou para trás não interessa. Ah, você não sabe qual é a carga hereditária que pesa sobre você? Então, essa carga é um fator cego que opera sobre você, determina a sua conduta e sobre a qual você não tem controle nenhum.

O psiquiatra Lipot Szondi lida com esta coisa que eu mesmo chamei de “carma familiar” — não é uma expressão dele, fui eu que inventei. Mas o próprio Szondi, quando mostraram a ele uma tradução para o francês de um artigo que escrevi sobre isso chamado “O Carma Familiar”, disse que a expressão estava certíssima. Então, a expressão carma familiar não está inadequada. Quando eu li o Szondi e vi o peso imenso que os perfis psicológicos de nossos antepassados mantém sobre nós — no sentido em que o Szondi diz que os antepassados mortos permanecem em nós, exigindo voltar à vida, ou seja, exigindo que você repita o destino deles, que você seja igual a eles, ao mesmo tempo em que estão em conflito porque são vários —, na medida em que eu estudava isto, eu ia me dando conta do quanto isto é verdade.

Eu cheguei a ficar assustado de ver como as pessoas ignoram isto. Ou seja, há coisas que podem acontecer a essas pessoas e que estão de algum modo pré-determinadas, porque aquela pressão da conduta repetitiva dos antepassados está ali determinando as ações dele e vai levá-lo, de maneira mais ou menos inevitável, a um certo destino, a certas situações de destino, e ele não terá a menor idéia do que foi que o colocou ali. Então como é que ele vai se orientar? É claro que somente o conhecimento **[00:40]** pode ampliar a sua margem de manobra, porque se você souber a vida de alguns dos seus antepassados, você conseguir meditar e conseguir reconhecer a conduta repetitiva quando ela aparecer. Isto pode levar anos, porque muitas dessas condutas são tão automatizadas em você, que você já se acostumou a considerá-las inteiramente suas.

Mas note bem: o que, em você, é você mesmo? As suas tendências genéticas são muitas e estão todas cruzadas. O que você assimilou do ambiente veio de fora, tudo isto não é você. Você é que vai gradativamente absorvendo essas coisas e escolhendo. Ou seja, para a formação da conduta mais simples já se

requer uma infinidade de escolhas, porque dentro de nós existem tendências contraditórias. Qualquer um de vocês sabe que tem tendências contraditórias. Você quer e não quer uma coisa ao mesmo tempo. Se a influência do ambiente fosse direta e plana, isso não poderia acontecer. Também pode acontecer que a sua tendência genética, inata, vá num sentido, e o ambiente exija o contrário. Por exemplo, quando esse pessoal gay reclama que é discriminado, o que é que aconteceu? Há uma tendência genética ali, que o impele a ter certo tipo de fantasia e de desejo, e, ao mesmo tempo, o ambiente está ensinando o contrário. Então você não pode ser totalmente determinado de fora, porque as influências que vêm de fora são contraditórias, e tem de haver o ponto em que há certas resoluções, um desenlace; ou vai para um lado, ou vai para o outro. Ou seja, você vai ter de fazer uma escolha. Quer dizer, certa ordem, certa linha de causas possíveis é abandonada, e você escolhe uma outra. Aquela que foi abandonada pode ou desaparecer, ou continuar pressionando desde dentro. Sempre essas tendências contraditórias colocarão problemas que não podem ser resolvidos, exceto no nível do eu consciente; não há uma solução espontânea para essas coisas.

É por isso que nunca se pode acreditar totalmente na influência do meio ou do ambiente, porque a palavra ambiente não quer dizer absolutamente nada. Você está se referindo a qual ambiente? Ao ambiente familiar imediato? Ao ambiente social em torno, digamos, o bairro? Ao ambiente municipal, estadual, nacional? Continental, mundial? Planetário? Cósmico? Tudo isto é ambiente! O ambiente histórico? Histórico de quando? A história das últimas três semanas ou a história dos últimos três milênios? Tudo isto é ambiente. Então dizer que o ambiente determina você é não dizer absolutamente nada; não é um conceito que tenha o conteúdo identificável.

Todas essas questões de determinismo e livre-arbítrio, todas elas levam a problemas insolúveis, porque essas duas palavras são conceitos-limites que nós mesmos inventamos, e começamos a medir a realidade com eles. Mas por que você tem de fazer isto? Por exemplo, se você fala em determinismo, quer dizer que está tudo pré-determinado. E o livre-arbítrio? É a onipotência da vontade. Logo, são conceitos extremados e absolutos. E se são extremados e absolutos, não existe nada disso na realidade. Por que, então, você tem de medir a realidade com essas coisas? Não existem maneiras mais diferenciadas, mais sutis, mais exatas de você descrever a coisa? O determinismo total, absoluto, é impossível, ele se anula a si mesmo. E a liberdade total, também, porque se eu tivesse liberdade total, ninguém teria liberdade alguma. Então, existe a liberdade para um e o determinismo para todos os outros. Se eu fosse totalmente livre, eu seria deus e vocês seriam as criaturas; eu estaria livre e vocês estariam totalmente determinados por mim. É por isso que esses conceitos são absurdos! São figuras de linguagem, são hipérboles, coisas tremendamente ampliadas até o absurdo. O sujeito inventa dois conceitos absurdos e daí quer medir o mundo com eles. Quer saber, então, o que fazer com o determinismo e o livre-arbítrio? Joga fora essa porcaria! Isso não serve para nada, é masturbação mental da braba! Invente conceitos melhores.

Por exemplo, quando falamos em ambiente, então vamos ver os vários círculos de que se compõe o ambiente. Existe o ambiente físico imediato; você nasce e

está nele. E há o ambiente social e afetivo-familiar, que faz a sua mediação com o ambiente físico imediato. Ou seja, o ambiente familiar não é determinado pelo ambiente físico. Uma mesma família pode morar em vários lugares diferentes, em diferentes etapas da sua existência. Portanto, você entende que não há relação intrínseca entre o ambiente familiar e o ambiente físico. Pode haver uma associação maior ou menor, mas isso depende do fator empírico; não há uma regra, não há uma lei. Não há um princípio científico, que possa unir uma coisa com a outra, e que permita afirmar: “Em tal ambiente físico só haverá esse tipo de família”. Não, isto não é possível. Por exemplo, você tem aqui a favela do Rio, mas de repente vive lá uma família de chineses, que veio da China com a cabeça completamente diferente das pessoas que vivem na favela. Aí já temos dois ambientes: o ambiente físico imediato e o ambiente familiar. Muito bem, mas a família fala em alguma língua, e a língua não foi inventada por ela. Então, a língua expressa já um ambiente sócio-cultural em torno. Existe uma relação intrínseca entre o ambiente familiar e o ambiente sócio-cultural em torno? Não. Porque no mesmo ambiente sócio-cultural existem muitas famílias diferentes. Mais ainda: existem diferentes heranças sócio-culturais que cada família pode trazer consigo, como no exemplo do chinês que vai morar na favela. Então, nós vemos que a coisa de certo modo foi se complicando.

Agora note uma coisa: quando o seu ambiente familiar serve de mediador entre você e o ambiente espacial, a família aumenta a sua mobilidade no meio espacial, ela te ensina novos caminhos, e você vai, através da influência familiar, libertando-se da própria influência familiar e vai adquirindo um domínio maior do ambiente físico. Então esses dois ambientes não operam no mesmo sentido, eles operam em sentidos opostos. O ambiente físico te prende num certo lugar; você está onde você está, e você não tem ubiqüidade. Bom, para você aprender a se deslocar ali — mudar de lugar, primeiramente — você precisa da mediação do ambiente familiar.

Ora, para você absorver a ajuda do ambiente familiar, você precisa da língua, ou seja, você precisa absorver algo que vem de um ambiente maior. Na medida em que você absorve a língua, absorve a linguagem e é capaz de se comunicar, você é capaz de manipular a influência familiar, de diferentes maneiras. Vocês nunca viram um moleque discutindo com a mãe? Fala pra danar, não é? Eu acho isso aí um dos tormentos da existência, ver os filhos discutindo com a mãe. Eu sempre chego e mando todo mundo calar a boca: Calado! E acaba a discussão. Mas você vê que a mãe quer que o sujeito faça uma coisa, e ele quer fazer outra completamente diferente. E ficam falando o dia inteiro.

[00:50] Isso quer dizer que a absorção de um ambiente um pouco maior que o ambiente sócio-cultural faz com que o peso do ambiente familiar diminua e aumente o número de alternativas. Porém — fala-se em ambiente sócio-cultural —, de que tamanho é este ambiente? Até onde vai este ambiente? Por exemplo, o aprendizado da linguagem: se você aprendeu a falar apenas com as pessoas do seu bairro, então esse ambiente agora é o limite do seu horizonte. Mas você é obrigado a parar ali? Não. Você pode ampliar o seu domínio da linguagem e aprender a falar de outras maneiras que não são usuais naquele lugar, e quando você aprende isso, você descobre outras

alternativas que naquele lugar não existem.

Então, você falar que é tudo determinado pela influência do ambiente, eu digo, “mas que influência, meu filho?”. O ambiente é composto de várias influências superpostas, muitas delas auto-contraditórias. Se você disser, “mas tem a somatória”, eu digo: “mas a somatória pode dar zero”.

O que interessa não é resolver essa questão idiota de determinismo e livre-arbítrio, é saber onde eu estou realmente, quais são os fatores que determinam e limitam minha conduta e quais os mesmos fatores que me abrem outras possibilidades. Ora, de onde vêm essas outras possibilidades? De uma liberdade metafísica teórica que você carrega dentro de si? Não, vem do próprio ambiente!

Por exemplo: eu me lembro que, naquele mesmo lugar que eu trabalhei no recenseamento escolar, uma cidadezinha pequena e miserável, a maior parte dos jovens de sexo masculina ia embora para buscar outras oportunidades em outros lugares. Oportunidades que não existiam ali; oportunidades que naquele lugar eram vividas apenas como carências ou impossibilidades. Mas se o sujeito fosse para São Paulo ou para o Rio de Janeiro ele teria outras chances. Então, você tem o ambiente mais imediato e o ambiente mais remoto, e ele usa uma possibilidade que enxerga no ambiente mais remoto para se libertar da influência limitante do ambiente mais imediato.

Note bem, cada um destes círculos do ambiente exerce sobre você, por um lado, um poder, e por outro, uma autoridade. O que é o poder? É uma imposição direta e, por assim dizer, muda. O primeiro poder é esse do ambiente espacial: você está onde você está e não em outro lugar, portanto, onde você está só existe aquilo que existe onde você está. Isso é um poder. Uma autoridade é uma coisa que não tem de ser obedecida tão diretamente, não se impõe tão diretamente, ela representa para você um valor, algo que você respeita, ama, admira, que você quer de algum modo.

O ambiente mais imediato sempre representa um poder, e o ambiente mais longínquo, uma autoridade. Mediante o apelo à autoridade, você se livra do poder mais imediato. Autoridade que implica também prestígio. Por exemplo, o garoto que sai da cidade pequena, pobre e miserável, para ir à capital estudar e ganhar mais dinheiro. Essa idéia da capital tem um prestígio, e tem para ele uma autoridade.

Ora, o conjunto dos símbolos de autoridade que você tem é a referência máxima que determina a sua conduta. Você não age para além do que as autoridades que existem na sua mente permitem.

Para começar, o ambiente físico é um poder, mas a família, uma autoridade: você, confiando na sua mãe e no seu pai, adquire um domínio maior sobre o território. Portanto você se libertou do poder do território confiando-se à autoridade do seu pai e da sua mãe. Mas eles, por sua vez, também são um fator limitante, e daí tem a escola, onde você aprende outras coisas, a televisão. Quando você começa a ver televisão, já adquire outra autoridade que pode ensinar o contrário do que seu pai e sua mãe estão lhe ensinando.

Então eles passam a ser o poder, e a televisão passa a ser a autoridade, ou a escola passa a ser autoridade, ou o ambiente social em torno, e assim por diante.

Esta dialética entre poder e autoridade permanece dentro de nós a vida inteira. Cada autoridade, com o tempo, se transforma num poder, e você precisa de uma autoridade mais alta, para lhe libertar daquela antiga autoridade transformada apenas em poder.

O poder é como se fosse uma autoridade esvaziada do seu valor e transformada em mero fato.

Claro que eu estou usando a palavra poder e autoridade num sentido específico para esta aula, não é um conceito geral de poder e autoridade. Estou usando apenas como figura de linguagem, não um conceito exato, mas, para a explicação que eu estou dando, esses conceitos bastam.

O poder é uma limitação de fato que pesa sobre você, a autoridade, uma limitação aceita e auto-imposta para se livrar de outra limitação que lhe parece pior no momento. Por exemplo, você está sem dinheiro. Isso é uma limitação, a pobreza é um poder que se impõe sobre você, limita sua possibilidade. Então você arruma um emprego. No emprego você vai ter de fazer o que a empresa manda, o que o seu chefe manda. Você aceita essa autoridade para se livrar do poder da pobreza. Porém, mais tarde, você pode achar outro emprego melhor. Então aquele primeiro emprego passa a se tornar um poder que se impõe a você desde fora e você se apóia numa outra autoridade para se livrar desse.

Ora, a educação não consiste em outra coisa senão você buscar uma autoridade cada vez mais alta, que vá lhe livrando de todos os poderes que estão pesando sobre você no momento. O que limita as suas possibilidades de educação? Às vezes a sua própria falta de imaginação de poder conceber que, para cima da autoridade que você confia no momento, existe outra maior. Quando nós avaliamos no conjunto qual a possibilidade que as pessoas têm de superar o seu ambiente social e cultural imediato depende de elas terem uma autoridade mais alta. Isso só se conquista através da educação. Porém, quanto de educação você quer, e qual educação você quer? Se você entende por educação aquilo que já está oferecido no próprio ambiente imediato, ele só vai lhe dar a educação necessária para você se virar dentro desse ambiente imediato. Isso quer dizer que o processo de auto-educação depende de você usar um pouco de imaginação e conceber uma dimensão mais alta e mais alta, até você chegar num limite do qual não dá para passar.

Atualmente, eu fico espantado, às vezes chego a ficar aterrorizado, quando eu leio as opiniões de intelectuais, professores, escritores etc., e vejo a quase impossibilidade que essas pessoas têm de subir acima da opinião dos seus pares, **[1:00]** do seu grupo profissional, do seu grupo de referência. Eles estudaram tanto, são PhDs, e acreditam que existe um negócio chamado comunidade científica, e têm terror de dizer alguma coisa que essa comunidade científica não aceite, porque têm terror de serem expostos ao ridículo, de serem boicotados nos seus empregos etc. Então, todo estudo

serviu a quê? A torná-los escravos.

Se você fala em comunidade científica, você está se referindo à comunidade científica existente hoje, não à comunidade dos sábios tomada ao longo de toda a sua história. Eu vou dar o meu exemplo pessoal de como funciona isso: eu também tenho minha comunidade científica, que são aquelas pessoas cuja opinião eu respeito, e que eu tremeria nos alicerces se elas desaprovassem totalmente o que eu estou fazendo. A minha comunidade científica é constituída assim: Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino, Leibniz, Schelling. Eu, quando estou pensando algum negócio, eu sempre me pergunto: “mas o que eles diriam?”. Eu comecei a fazer isso porque eu li certa vez em São Tomás de Aquino uma recomendação: “Tem sempre diante de ti o olhar dos sábios”. Então eu falei: “agora eu sei a comunidade científica que a gente tem de obedecer. Você pega os maiores dos maiores e pergunta somente para eles”. Não vai perguntar para um professor da USP, não vai perguntar para Harvard. Por quê? Porque todas essas comunidades científicas de hoje são apenas de hoje, são apenas um momento da história da opinião, e essa opinião já variou mil vezes ao longo dos tempos. Então por que eu devo tomar como dogma uma coisa que os caras estão apenas dizendo hoje e a respeito do que amanhã eles podem mudar de idéia? Se eu quero me tornar realmente um homem de cultura, um letrado, um intelectual, eu tenho de tomar como meu horizonte máximo o horizonte máximo da humanidade, ou seja, os maiores sábios de todos os tempos. E é a esses que eu tenho de perguntar.

Se você fizer isso, você vai notar, em primeiro lugar, que, tomados como conjunto, estes grandes sábios têm um número muito menor de convicções do que qualquer comunidade social ou acadêmica de hoje em dia. As comunidades acadêmicas estão cheias de crenças, e você, se discordou de um pedacinho, já começam a achar que você está louco, ou que você recebeu um dinheiro para dizer aquilo. Agora, se você leva a mesma questão para Leibniz, Platão, Aristóteles, muito provavelmente o que eles vão lhe dizer é que não sabem. “Tenta, experimenta, vê se dá certo”. Os pontos em que eles estão de acordo, aquilo que o Mário Ferreira dos Santos chamava *mathesis megiste*, o conjunto das teses positivas subscritas por toda a filosofia universal, são de natureza muito genérica, não tinham soluções para os problemas concretos. Então, nos problemas concretos, os sábios provavelmente confessariam seus limites, que são os limites reais da inteligência humana. Os limites que Aristóteles, Leibniz, São Tomás de Aquino, Schelling, Emund Husserl, Eric Voegelin não transpuseram provavelmente são limites permanentes da inteligência humana; eles não sabiam isso, eu não sei, e amanhã vamos continuar não sabendo. E, se é assim, a gente tem o direito de especular.

Como é que você faz para se colocar sob a autoridade deles e se livrar da autoridade do meio intelectual atual, mesmo tomado nas suas expressões mais cultas? Precisa de muita coragem para isso, porque você só terá acesso a esta comunidade dos sábios através de um único instrumento, que se chama leitura. Eles não podem estar fisicamente presentes; eles não podem exercer contra ou a favor de você pressão social de tipo nenhum; eles não podem lhe dar um emprego ou tomar seu emprego, não podem aumentar seu salário nem diminui-lo, eles não podem te olhar feio, não podem fazer uma piadinha a seu respeito, nem podem te dar uma propina. Não podem fazer nada. Eles só

podem dizer sim ou não.

É justamente essa galeria de sábios que São Tomás de Aquino sugeria que colocássemos diante de nós como nossos juizes permanentes. Se você não é capaz de fazer isso, então você não tem educação nenhuma, você tem apenas o adestramento para o meio social em que você está. Quando você se submete a essa autoridade, de fato você é capaz de se sobrepor a qualquer meio social e cultural, não porque você escapou, não é a liberdade metafísica. Você apenas entrou num ambiente cultural universal. É o máximo ambiente mental que nós podemos conceber. Fora dali se entra no sobre-humano, são os anjos: "Eu não pergunto mais para Aristóteles, porque conversei com o Arcanjo Gabriel". Isso pode acontecer também, mas deixa isso para um pouco depois. Se vier o Arcanjo Gabriel e disser que é assim, você não vai dizer que Aristóteles disse outra coisa, porque aí você está jogando um homem de prestígio contra a estrutura da realidade.

Quando você chega nessa medida máxima da referência humana que são os sábios, pela primeira vez você entende um negócio que se chama realidade. Realidade é um ponto onde não são mais idéias que estão falando, é ela própria que está falando. E ela fala com uma autoridade divina, porque tudo que é da realidade foi Deus quem fez. As idéias, não. Foram todas nós que fizemos, inclusive as idéias de Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino.

Quando você entra numa esfera de autoridade profética, aí já não se trata mais de uma idéia, de uma opinião ou de uma doutrina. A palavra profeta vem do verbo grego *prophero,* que quer dizer mandar acontecer, fazer, produzir, que são as características do Verbo Divino. O Verbo Divino não faz teorias, ele manda acontecer. Então, é a própria realidade que está te falando. Isso é uma dimensão maravilhosa, e aí acaba a dúvida, porque, se a realidade falou, acabou, não há nada mais o que se dizer. Quando Nossa Senhora em La Salette disse que iria chover animais e começa a chover animais no dia seguinte, eu calo minha boca, não tem o que dizer. Não choveu sapo outro dia no Japão? Aqui nos EUA choveu vaca no século XIX. São fatos que a gente acumula, vê que foram anunciados por uma autoridade profética e aconteceram. E aí eu entendi onde é que termina o mundo da especulação humana e onde começa o mundo da realidade. Realidade é aquilo para além do que não tem mais idéia, não tem mais teoria, não tem mais nada: é o fato consumado. Mas deixemos isso um pouco para adiante.

Nós temos que chegar a essa dimensão da verdadeira educação, que é você tomar o universo dos sábios como seu juiz, seu tribunal, sua autoridade, e não aceitar mais nenhuma outra abaixo dela. **[1:10]** Daqui para cima, só Deus! Se eu perguntei para Platão, Aristóteles, Confúcio, Lao Tse, Shankaracharya e eles não sabem, acabou! Dançou! Daqui por diante só Deus sabe! Deus, quando abre a boca, não é uma opinião, é um fato brutal! E não adianta você querer achar uma explicação para este fato. Isso é fundamental: os fatos da Ordem Divina não têm explicação, eles acabam com toda a explicação. E, de certo modo, eles também têm uma translucidez, porque na hora em que você entende o que é o poder divino em ação, você vê que não há o que discutir. É o limite da realidade tomada na sua totalidade. Para você ter um vislumbre do que é realidade objetiva, você precisa ter experimentado isso pelo menos uma

vez em sua vida, mas você só vai experimentar se você for abandonando essas sucessivas autoridades que foram, por sua vez, te libertando de sucessivos poderes anteriores, até chegar ao limite do conhecimento humano, ao limite da inteligência humana. O limite da inteligência humana é a galeria dos sábios.

Outro dia um aluno me telefonou e falou: “Eu não posso entrar em conflito com a opinião de meus pares.” E quais são os seus pares? Os meus são Aristóteles, São Tomás de Aquino. Eu pergunto para eles. Para os outros não pergunto nada! Eu vou perguntar para o seu “Zé Mané da Esquina”? Eu vou perguntar para o Emir Sader? Eu vou perguntar para o chefe do departamento?! Não sou palhaço! Se você aceita isso, a sua educação acabou, meu filho.

Colocar o problema de se o ambiente determina a sua conduta ou se sua conduta é livre — é uma pergunta absurda. Porque o ambiente não é uma coisa, não é uma substância, não é um termo unívoco; o ambiente é uma série de círculos de determinações mutuamente contraditórias entre as quais você tem de escolher. E a sua liberdade não consiste em não estar determinado em nada, mas em escolher o que te determina. Essa é a nossa liberdade. A liberdade de não ser determinado é Divina. A liberdade de não ser determinado só um pode ter — presta atenção, isso é fundamental! —, só Deus pode ter essa liberdade. A liberdade de não ser determinado por nada só um pode ter, porque ele vai determinar o resto. E quem estiver por perto vai ser determinado por ele. Então, não venha negar a liberdade humana, não venha pregar o determinismo alegando que você não tem uma liberdade divina. Isso não faz sentido. Que sentido faria uma criatura finita e mortal ter uma liberdade infinita e eterna? Não cabe! Se nós somos uma criatura limitada e mortal, nós também temos uma liberdade relativa, temporária e condicionada. Mas nós não seremos totalmente determinados pelo ambiente, porque o ambiente não pode determinar nada. O ambiente não se determina sequer a si mesmo. O ambiente é constituído de círculos de influências superpostas e contraditórias. Esta é a realidade. Nós não podemos descrever isso nem em termos de determinismo nem em termos de livre arbítrio. Nós podemos descrever em termos de distintas determinações e escolhas entre determinações. A máxima liberdade que nós temos consiste em buscar as determinações mais altas, as autoridades mais altas, que são as que menos se impõem. Para cima de Platão e Aristóteles há a autoridade de Deus. Neste sentido, Deus não se impõe de maneira alguma. Ele criou todas as outras determinações, mas acima há a autoridade Dele. Ele não impõe esta autoridade, não faria sentido. Porque tudo aquilo que já está imposto não é autoridade, é poder. Deus criou todos esses poderes que se impõem a nós e criou uma série de autoridades que nós vamos galgando, nos livrando dos poderes inferiores. Deus é livre, e você pode se beneficiar da liberdade divina na medida em que pergunta para Ele e não para o mundo.

Eu acho que a tentativa de você ensinar sobre a liberdade divina antes de ter dado a verdadeira educação complica tudo. Porque o sujeito vai entender Deus como um Poder Externo ou como Autoridade Externa e vai fazer uma confusão dos diabos. Por exemplo: todas as punições e castigos que a sociedade impõe para certas condutas — note bem que isso nunca é uniforme.

A mesma conduta, em uma mesma sociedade, pode ser premiada para um e castigada para outro. Esse pessoal gay, por exemplo, que fala que foi discriminado. Espera aí, você foi sempre discriminado? Aqueles imperadores romanos eram todos gays e eles estavam por cima da carne seca. Eram eles que determinavam os outros. Júlio César conta que obteve o primeiro emprego público prostituindo-se carnalmente ao governador de uma província. E acha aquilo lindo! Acha: “Olha como eu sou esperto! Fui lá, dei para o sujeito e ele me deu o emprego!” Para ele isso foi uma conquista da liberdade ~~dele~~. Ele conseguiu algo por este meio. E se ele não quisesse fazer isso? E se ele não fosse gay? “Olha, o único jeito de você obter esse emprego é dando para o sujeito.” Bom, se você é gay, está subindo um degrau na esfera de sua liberdade, conseguiu o que queria. Agora, se você não é gay, então isso é uma imposição brutal desde fora. Pode haver uma classe, um tipo de pessoa que será sempre discriminado? Não pode haver. Isto é impossível! Todos os discriminados são discriminadores em outras circunstâncias — isto é absolutamente inevitável! Não tem como escapar! Então a idéia mesma dos excluídos e dos excludentes é uma noção funcional e relativa, que hoje nos é apresentada como se fosse uma definição substantiva de entidades físicas substanciais. Mas isto é uma fraude monstruosa, é estupidificar você.

Calígula, por exemplo, quando via um sujeito bonitinho dizia para os soldados dele: “Vai lá, capa aquele sujeito e quando ele cicatrizar traga-o para ser minha noiva.” Calígula era gay. Ele foi discriminado? Foi perseguido?

Mao Tse Tung comia tudo que andava por volta. Mao Tse Tung não era gay, era qualquer coisa. Comia tudo o que se movia. Podia ser uma camponesa, podia ser um guardinha do palácio. Ele via um guardinha novo e dizia: “Quero aquele ali!”. “Não, mas...” Pronto, já foi! Não dá tempo de dizer não. **[1:20]** O coitado do Mao Tse Tung foi discriminado, foi perseguido? Façam uma conta de quantos presídios existem no Brasil e quantos estupros acontecem lá dentro. Todo estupro acontecido em presídio é um estupro homossexual por definição. Os gays são perseguidos? A soma da totalidade das violências contra homossexuais que houve nos últimos cem anos não ultrapassa as violências homossexuais cometidas nos presídios durante uma semana! No entanto, não se pode negar que, sob certos aspectos, os gays são perseguidos e discriminados. Mas a composição do próprio ambiente social, cultural, histórico e humano é feita dessas camadas superpostas e contraditórias. Isso é a realidade e nós vamos aprendendo a relacionar-nos com ela na medida em que vamos percebendo esses vários elementos. Só que acontece o seguinte: você pode orientar-se num ambiente físico com seus olhos e com os seus pés, andando para cá e para lá. Mas para orientar-se num ambiente físico, você precisa do auxílio do ambiente familiar. Como é que você orienta-se no ambiente familiar? É também pelos olhos? Como é que você apreende o que a sua mãe quer que você faça e o que ela não quer que você faça? Esse é um código muito mais complicado do que o simples olhar. Há toda uma escala de tonalidades emocionais diferentes que você tem de aprender. Isso não é mais visual. Isso quer dizer que para orientar-se no ambiente físico é precisa a ajuda do ambiente familiar, e para orientar-se no ambiente familiar é preciso subir um grau na escala de abstração. A sua mãe, quando não gosta de algo, grita com você ou te dá uma chinela na bunda — ou dava antigamente, pois agora os deputados fizeram uma lei proibindo isso, e fizeram-no porque

descobriram que as mães deles sabiam o que eles estavam fazendo lá dentro e, então, disseram: “vamos proibir as chineladas antes que elas venham parar nas nossas bundas.”

Quando você vai para um ambiente maior como, por exemplo, a escola, o conjunto das expectativas já não é tão simples quanto na sua casa. Na sua casa você não precisa ficar especulando se sua mãe vai gostar ou não de certas coisas porque, se ela não gostar, irá gritar com você. Mas na escola não é assim. Há uma série de coisas que não se pode fazer na escola, mas que ninguém irá lhe dizer, e, de certo modo, você terá de adivinhar. Então você terá de subir um grau a mais na abstração; e é através da linguagem que você o faz. Ora, quando você está na universidade e quer adaptar-se ao gosto da comunidade científica, da comunidade acadêmica — não quer que riam da sua cara, que lhe tirem o emprego, nem que o expulsem de lá, mas quer, pelo contrário, ser um sujeito bem quisto no meio acadêmico —, como é que você vai saber do que o meio acadêmico gosta ou não gosta? Eles vão dar chinelada, gritar ou pô-lo de castigo? Não. Você precisará ler, pois é lendo trabalhos científicos e as apreciações que eles fazem dos trabalhos científicos que você saberá o que pode e o que não pode. É uma rede muito sutil e imensa de relações que só se alcança através da linguagem abstrata.

Suponhamos que você já esteja achando que essa comunidade acadêmica é um saco, que é um bando de ignorantes falando do que não sabe e enganando todo o mundo. Então, se quiser subir na abstração, deve recorrer aos sábios. Você não quer mais esse ambiente acadêmico de agora porque ele é limitado espacialmente e temporalmente, é provinciano. Outro dia o Antônio Cícero usou uma expressão minha: “provincianismo temporal”. Na verdade, quem a inventou foi Bertrand Russel (*provincialism in time*) e eu adaptei-a para o português, num sentido um pouco diferente. A comunidade acadêmica é temporalmente provinciana: ela reflete um conjunto de crenças de um momento que pode mudar logo a seguir. Portanto, se você quer uma coisa melhor, mais séria e mais próxima da objetividade, pode subir até os sábios. Enquanto as opiniões da comunidade acadêmica serão, de algum modo, trazidas a você, essas não o serão. Você terá de buscá-las, terá de chegar ao máximo domínio possível da linguagem abstrata para poder ler Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino, Leibniz, Husserl etc. É você que vai buscar essa autoridade e pedir pelo amor de Deus para chegar lá, ninguém vai impôr isso a você. E é exatamente isso o que vocês estão fazendo aqui, pedindo pelo amor de Deus para chegar a entender essa coisa, ter uma autoridade maior com a qual possam libertar-se das limitações do meio intelectual provinciano do momento e olhar para esse ambiente — a comunidade acadêmica inteira — e dizer: “Cala a boca, burro! Vocês não sabem o que estão falando!” Mas você chegará a isso através do seu esforço próprio e da aquisição de uma autoridade superior.

Com tudo isso, vê-se que o problema da liberdade está intrinsecamente ligado às determinações. Elas não são contrárias. A liberdade é um jogo que você faz entre distintas determinações; e as determinações, por sua vez, são uma série de chances ou oportunidades que lhe são dadas junto com as limitações. Isso é como as coisas são na realidade, não nesse plano abstratista e puramente verbalista em que as pessoas discutem determinismos.

O que estou explicando para vocês é o que a tradição filosófica ensina a fazer, livrar-nos dessas arapucas verbais em que a discussão pública e corrente nos coloca e aprender a usar todo esse instrumental verbal como um via de acesso à realidade. Tenho de agradecer ao Carlos Rabelo por ter-nos dado, com a sua pergunta, a chance de explicar tudo isso. Eu estava querendo falar disso mesmo, mas a carta veio a calhar.

Vou dar para vocês um exemplo de limitação mental que pode durar séculos e impor-se a toda a comunidade intelectual durante gerações e gerações e dar impressão de uma autoridade universal.

No começo da modernidade surge, principalmente com Lord Bacon, a idéia de que a natureza física é um código escondido, ou seja, ela não se revela a nós, mas se disfarça, e que, portanto, para compreendê-la é preciso forçá-la; e você a força através do experimento. No experimento, você obriga **[01:30]** as forças naturais a agirem de uma maneira que não é natural, para daí entender qual é o segredo que há no fundo da natureza. Toda idéia moderna do experimento científico é assim. Você cria uma situação artificial, inexistente na natureza, usando as forças naturais para fazer uma coisa que geralmente elas não fazem e, através desse experimento, você tenta entender como elas funcionam na realidade. A totalidade da ciência moderna é isso. Mais tarde, Kant resumirá isso dizendo, de acordo com Bacon, que o cientista não se coloca perante a natureza como um observador, que a aceita como ela é, mas se coloca como um policial que a espreme e força a dizer alguma coisa. Sucede que esses resultados obtidos através desse experimento existem mesmo, mas somente naquelas condições em que foi concebido o experimento. Mediante o experimento, você consegue captar hipoteticamente uma certa relação entre elementos da natureza, só que na natureza essas relações existem no meio de bilhões de outras relações, de um número infinito de outras relações. Você apenas destacou uma, observou-a e disse: “essa aqui existe”. Se você tivesse feito outra pergunta e inventado outro experimento, iria descobrir outra coisa completamente diferente. Ou seja, o número de experimentos que você pode fazer é ilimitado, mas eles jamais vão alcançar toda a variedade da natureza. Em segundo lugar, esses experimentos mostram não como a natureza comporta-se em si mesma. Como ela responde à ação humana e o modo como ela funciona em si mesma nunca é exatamente igual, há sempre uma pequena diferença, porque tudo o que se passa na natureza é fato concreto.

E o que é fato concreto? Já expliquei isso uma vez, num outro curso, mas explicarei de novo. Fato concreto é o fato tomado não apenas na relação lógica que o expressa, mas na totalidade dos acidentes necessários para que ele aconteça. São justamente esses acidentes que o experimento isola: afasta-se o elemento acidental e fica-se somente com a definição lógica. Na natureza não existe nenhum fato assim, somente fatos concretos. Imagine quantos experimentos o ser humano fez desde que inventou esse negócio. Um número grande, sem dúvida. Mas o que é esse conjunto de experimentos em face da totalidade dos fatos concretos? É zero. Isso quer dizer que o conjunto do que a ciência experimental pode saber é um nada em comparação com a natureza real. E essa natureza real só pode ser conhecida em si mesma mediante observação contemplativa que a aceite na sua totalidade como fato misterioso,

que é o que ela realmente é. Ou seja, a realidade concreta tomada na sua presença total é um mistério, sem dúvida, e a totalidade do que a ciência sabe sobre a natureza é uma titica de galinha, que não diz o que a natureza é ou faz, mas como ela reage a certas perguntas e provocações humanas.

A crítica que os filósofos da modernidade — Bacon, Galileu, dentre outros — faziam à ciência escolástica é que ela sempre tomava a natureza como ela apresentava-se, ao passo que eles pensavam: “nós temos de forçar a natureza a fazer o que a gente quer”. As duas coisas existem. Pode-se olhar a coisa das duas maneiras, ou até combiná-las. Mas se você pega essa nova maneira, essa nova ciência, e sobrepõe à outra, então você literalmente saiu da realidade, porque a ciência não investiga fatos concretos, ela só investiga certas relações que são comproporcionais à pergunta que você fez. O que é uma teoria científica? O que é uma hipótese científica? A hipótese científica é a suposição de que certo grupo de fatos comportar-se-á de acordo com uma constante hipotética se você selecionar os fatos a serem investigados de acordo com o que essa mesma constante determina. Isso é a mesma coisa que dizer que toda conclusão científica é tautológica. O que determina o recorte dos fatos a serem estudados? A constante que você quer descobrir. E quando esses fatos, em seguida, comportam-se de acordo com a constante, você diz que o experimento deu certo. Mas eles têm de dar certo! Só dão errado se você selecionou errado, ou fez as observações erradas, ou se a constante que você supôs não existe.

Isso quer dizer que esse conjunto de constantes observados pela ciência não são a realidade, mas certas possibilidades que o ser humano destacou do fundo imensurável da realidade, isolando-as de todas as acidentalidades possíveis, isolando-as de toda a concretude e olhando somente aquilo. É claro que isso deu muito resultado, sobretudo resultado técnico, aplicações técnicas em número ilimitado. Porque, se você mesmo fez o recorte, fez com algum objetivo e não é de espantar que, em seguida, você consiga realizar esse objetivo, pois fez o experimento exatamente para isso. Só que, tendo prosseguido agindo perante a natureza como um policial — Kant diz “juiz de instrução”, porque na Alemanha, na época, quem presidia a investigação era o juiz de instrução e não a polícia; hoje em dia não é mais, quem faz a investigação é a polícia, o juiz não investiga e foi por isso que troquei “juiz de instrução” por policial, essa figura não existe no Brasil —, pode-se dizer que o policial chega a conhecer as pessoas que ele está investigando? Não, porque ele só se interessa por elas sob algum aspecto possível, isolado do conjunto, e obtém uma resposta àquela pergunta específica que fez. Pode-se dizer que pessoas consideradas somente sob o ponto de vista policial existem? Não, não existem, são abstrações, evidentemente. Esse é um aspecto delas entre milhões de aspectos possíveis. Para que qualquer acontecimento de ordem policial aconteça é necessário que haja uma infinidade de acidentes que são totalmente alheios ao interesse policial. Por exemplo, tal crime aconteceu na rua tal, na esquina do edifício tal. Quem construiu o edifício? Se ali não tivesse edifício nenhum, nem rua nenhuma, o crime não poderia acontecer naquela rua. Mas a construção do edifício tem algum interesse do ponto de vista policial? Não. É outra ciência, outra arte completamente diferente. O bandido deu um tiro, mas estava ventando muito e houve um pequeno desvio do projétil, que acertou outra pessoa. Existe um método policial para estudar a

direção dos ventos? Não, essa é outra ciência completamente diferente. Se você pegar o conjunto das ciências existentes e articular os pontos de vista delas todos você obtém uma série de linhas que confluem em alguns pontos. Essas linhas compõem um universo real? De jeito nenhum, **[01:40]** compõem um conjunto de esquemas hipotéticos — uns funcionam mais, outros menos —, mas que não correspondem à realidade concreta.

A partir do momento em que se adotou como norma científica esse ponto de vista policial, toda a nossa visão da natureza material passou a ser determinada pelo nosso interesse policial e não pela própria natureza. Passados dois séculos, chegou Kant e disse que todo o conhecimento que nós temos da natureza resulta da projeção dos nossos esquemas cognitivos sobre um objeto que permanece inalcançável, ou seja, que nada conhecemos sobre a natureza propriamente dita, só conhecemos sobre os nossos próprios esquemas mentais projetados. Mais tarde, Michel Foucault, Thomas Kuhn, essa gente toda, disseram: “As estruturas das teorias científicas mudam todas de repente, por nada. Você acredita numa coisa e no dia seguinte você passa a não acreditar em nada, ou seja, é tudo subjetivo.” Isso é resultado da escolha feita por Lord Bacon. Quando você privilegia o ponto de vista policial, privilegia-se o ponto de vista do observador e não o do objeto. O resultado é que, por mais que você conheça, tudo vai continuar parecendo-lhe subjetivo, porque você não complementou esse ponto de vista ativo e interrogativo com o ponto de vista contemplativo e passivo que aceita a totalidade da natureza como ela apresenta-se; você suprimiu a natureza enquanto objeto de experiência real e trocou-a pela natureza enquanto objeto científico, que consiste, diz Lord Bacon, em forçar a natureza a fazer o que ela não faz naturalmente, numa espécie de natureza não-natural.

Para compensar esse deslocamento em relação ao objeto material, a ciência introduz o elemento da medição e da exatidão matemática. Mas a exatidão matemática não pode, evidentemente, reconstituir o objeto, porque ela também resulta da atitude policial e também vem do sujeito. Quem faz a medição é você, não é a natureza que se mede a si mesma. O ponto de vista humano, o ponto de vista do investigador fica privilegiado e daí surge naturalmente o subjetivismo moderno. A ciência moderna é autora direta do subjetivismo moderno, não tem escapatória. Isso quer dizer que quando um sujeito alega, numa discussão, fatos objetivos comprovados pela ciência, ele não sabe o que está falando. Ciência moderna e subjetivismo são exatamente a mesma coisa. A ciência moderna veio junto com o idealismo racionalista de Descartes, prosseguiu no subjetivismo radical de Kant e terminou no desconstrucionismo atual, no qual ninguém mais acredita em nada, não existe realidade objetiva nem coisa nenhuma. Tudo isso é uma espécie de doença infantil. A ciência moderna nasceu com essa doença infantil do subjetivismo. Vai ser preciso curá-la disso, mas só é possível curá-la articulando o ponto de vista ativo e interrogativo com a atitude contemplativa de aceitar a realidade concreta. Mas está longe o dia em que a comunidade acadêmica entenderá isso, porque ela não existe para conhecer a realidade, mas para praticar a ciência tal como ela está socialmente definida. A busca do conhecimento hoje tem pouco a ver até mesmo com a atividade científica, mesmo quando exercida no seu mais alto nível. Quando nós falamos em educação, não é para o exercício de uma profissão científica ou acadêmica, é para a formação de

seres humanos concretos — de carne e osso, históricos, biográficos, dotados de um "eu", de uma consciência, de uma capacidade de falar e comunicar-se etc. —, capazes de ter acesso à realidade, ter experiência da realidade, sabendo que ela, como presença total, embora esteja presente desde o início, só se abre a você quando você chegou ao topo do conhecimento, quando sua única autoridade terrestre são os sábios — se houver outra autoridade embaixo, ela irá tampar a realidade de você.

O objetivo deste curso e de tudo o que eu estou fazendo é propiciar a vocês essa subida gradativa e, mais tarde, se possível, a experiência consciente da presença total. Quando você chega nesse ponto, não há mais autoridade humana sobre você, somente Deus está acima de você.

Muito bem, vamos ver se tem outras perguntas aqui.

Aluno: Professor, no conto intitulado "Dona Benedita", Machado de Assis narra a história de uma mulher aparentemente comum e somente ao final nos dá a pista de que tínhamos de observar desde o início do texto a veleidade da protagonista, ou seja, que a questão central do conto era a veleidade, o que, confesso, não percebi antes de chegar ao final da história. (...)

Olavo: Não foi feito para você perceber antes.

Aluno: (...) Com isso, Machado de Assis me fez sentir, ou perceber, com maestria, de forma bastante clara, uma experiência cognitiva que eu já havia vivenciado antes e que, até certo ponto, é teoricamente evidente, que resumo no seguinte: quando olhamos para um conjunto de fatos — uma história ou mesmo a realidade —, sabendo o que queremos ou devemos procurar, encontramos ou verificamos mais facilmente a presença de dados objetos específicos de observação, enquanto que, quando não sabemos de que forma ou para onde olhar, a percepção da presença desse mesmo objeto é mais difícil e pode até não ocorrer. (...)

Olavo: Pois é exatamente disso que nós estávamos falando. A ciência moderna introduz um princípio de seleção da atenção, só que esse princípio foi demasiado estrito, demasiado seletivo. Com isso, o que aconteceu? Destacou-se certos aspectos e fez-se com que eles substituíssem a experiência da realidade concreta. Note bem, o que você está dizendo aqui é que existe um fundo confuso — que não é objeto de percepção propriamente dito, mas apenas o ambiente onde você está — e quando você sabe o que está procurando, aparece o objeto claro. Muito bem. O nosso objetivo aqui é fazer com que isso que lhe parece um fundo confuso — que nós chamamos de "presença total da realidade" — transforme-se em objeto de percepção consciente. É possível fazer isso, é possível desenvolver uma consciência mais ou menos permanente da presença total da realidade. É claro que isso não significa perceber conscientemente a realidade como um todo. É perceber a presença, não cada item, não é a percepção quantitativa, porque isso seria impossível, você teria de ser Deus. Mas tomar consciência da presença da realidade como tal, eu acho que é a finalidade superior da educação. "Presença da realidade" também significa "presença de Deus" — você vai ver no final. Se falar "em presença de Deus", a pessoa vai entender outra coisa.

Se você não tem presença da realidade, alguém falar de presença de Deus para você é meter minhoca na sua cabeça.

[01:50] *Aluno: (...) Pergunto: Quando Aristóteles trata da importância de se consultar a opinião dos sábios para o início do estudo de determinado problema, estaria ele se referindo apenas à qualidade da opinião dessas pessoas ou também à importância da experiência que somente elas têm, que é conhecer o problema com a visão de quem já o analisou por algum tempo e, portanto, de quem já não está no primeiro capítulo do assunto e, desse modo, sabe como e para onde olhar?*

Olavo: Esta última hipótese, é claro: já examinaram o assunto e sabem para onde é mais produtível olhar. Porém — note bem —, a opinião dos sábios não é a medida extrema do conhecimento. Para cima deles existe uma autoridade superior, que é a própria realidade. A opinião dos sábios não é uma comunidade acadêmica que ensina para onde se deve olhar. A opinião dos sábios é um cruzamento de olhares que vai abrir milhares de possibilidades diferentes. Você não vai disciplinar seu olhar para olhar de certa maneira, não se trata disso. Isso a comunidade acadêmica já faz; quando te ensinam o chamado método científico, já estão fazendo isso. O conjunto dos sábios vai mostrar que a coisa é muito mais complicada; que cada um desses olhares, por mais aperfeiçoado que seja, por mais exato que seja, é somente um possível e que se pode cruzá-los de muitas outras maneiras. Quando chega um momento em que você viu todos esses olhares cruzados, então você sabe o quê? O que a humanidade sabe sobre aquilo. Se você pegar o conjunto do que esses sábios sabem, este é o conjunto do que a humanidade sabe. Ninguém sabe mais nada além disso. Então, daqui para diante, o meu diálogo não é mais com a ciência humana, é com a realidade mesma. E a realidade mesma não são esses fatos singulares observados. Fatos singulares observados não são a realidade, são dados da realidade, aspectos da realidade. Separados da consciência clara da Presença Total, eles podem se tornar fetiches, como se tornaram para Bacon ou Kant. São fetiches matematicamente exatos, mas são apenas fetiches. O que está faltando no pensamento ocidental inteiro nos últimos séculos é exatamente esse negócio do Louis Lavelle, a consciência da Presença Total — eles não têm mais acesso a isto. A Presença Total é uma coisa pela qual eles passam raspando e já vão prestar atenção em alguma coisa em particular; nunca se lembram de voltar a esse fundo permanente da presença. E é isso que nós vamos tentar restaurar aqui. Se não tem isso, todos os conhecimentos humanos se tornam fetiches e motivo de alienação.

Por exemplo, você pega uma porcaria que se chama “diálogo interreligioso”: os vários sistemas de crença, os vários simbolismos, as várias técnicas rituais etc. Tudo isso é muito lindo. Você estuda religião comparada e diz “isto é o legado espiritual da humanidade”. Que coisa muito bonita, mas o que isso tudo tem a ver com Deus considerado como uma entidade existente e agente? Isso é o conjunto do que os seres humanos, nem sempre muito sábios, falaram. Teólogo diz besteira pra caramba. E às vezes os santos e místicos, quando falam, falam de coisas incompreensíveis, e aquilo é um caudal de figuras de linguagem, que mais encobre do que revela. E você fica lá lendo aquelas coisas e acreditando que está se elevando espiritualmente. O conjunto do que as religiões disseram não resolve um problema muito simples: qual é a

opinião de Deus, o que Deus acha sobre isso? Deus é alguém que está para cima da realidade, é o fundamento último da realidade. Mas se você nem sabe o que é realidade, nem teve experiência da realidade, não teve experiência da presença, como vai falar de Deus? E note bem que quando você chega nesse ponto, entende que toda a discussão religiosa ou interreligiosa é uma tremenda perda de tempo.

Por exemplo, você pode encontrar um sujeito que conhece as escrituras sagradas de trás para diante, sabe ler hebraico, ler grego, sânscrito, sabe interpretar tudo. Isso aí é a opinião dele, não é? Você veja aqueles meninos de La Salette e os meninos de Fátima. Um bando de ignorantes. Francesinhos camponeses e portuguesinhos. Não sabiam nada de nada. Só que Nossa Senhora foi lá e falou com eles. É um fato da realidade. Todas as doutrinas juntas não significam nada comparadas com isso. Porque não é uma idéia. A presença da realidade e a manifestação direta de Deus não são opiniões, não são doutrinas, não são religiões. São fatos da realidade. E quando são fatos da ordem divina, são fatos de ordem abrangente. Não são fatos específicos como os que acontecem aqui, os que acontecem no nosso plano de existência. Então esqueçam esse negócio todo. Parem com essa maldita mania de espiritualidade. Espiritualidade é viadagem. Para com isso. O que interessa é o seguinte: é Deus. Dá pra entender? E Deus tal como presente na realidade e como suprarrealidade. É a isso que tem de chegar. Eu passei anos estudando religião comparada. Sabe o que eu aprendi com isso? Nada. Tudo isso é muito bonito, dá para você se fingir de sábio, mas depois você entende que acima disso tudo tem um negócio chamado realidade — a Presença Total — e acima da Presença Total tem Deus. É isso aí que interessa. O resto é perda de tempo.

Até a opinião dos sábios pode ser uma coisa limitadora, sobretudo quando é opinião de sábios religiosos. “Aqui tem um cardeal, um rabino, um aiatolá...” Ih, sai de perto, vai sair só besteira. Porque quando eles divergem e querem se matar uns aos outros, está todo mundo louco, e quando eles decidem “aqui nossos vamos fazer o ‘diálogo interreligioso’ e vamos fazer em paz”. Olha, tem duas maneiras: você pode fazer em guerra, pode fazer em paz, mas tudo que vocês estão falando não foi Deus quem falou, foram vocês. E o senhor me desculpe, eu não estou interessado nem na sua guerra nem na sua paz. Não dá tempo de a gente ler tudo o que vocês disseram.

Essa escalada das determinações — aonde você vai passando por cima do ambiente familiar, do ambiente social, do ambiente cultural etc., até você pegar essa dimensão da cultura humana tomada no seu sentido mais alto — tudo isso só tem uma finalidade: quando chegar lá no topo, de repente você abre os olhos e tem um negócio chamado realidade. E isso existe mesmo. Claro que não precisa chegar ao topo para perceber isso. Você vai perceber isso muitas vezes. Essa escalada lhe dará apenas os meios simbólicos e linguísticos de você conservar essa experiência, porque a experiência da Presença Total todo mundo tem. O Lavelle diz que é a primeira experiência. Nós lemos aqui dois parágrafos do Louis Lavelle. O Louis Lavelle é um filósofo tão denso que você pode viver na base de alguns parágrafos dele. Quanto mais você espremer, mas vai sair dali de dentro. Por exemplo, quando ele diz que a Presença Total é a primeira experiência, a base de todas elas e o que dá importância a todas elas — você pode voltar a esse parágrafo um milhão de

vezes e você verá que é assim mesmo—, e quando ele fala naqueles momentos — em outro texto que nós lemos dele, logo no começo, **[02:00]** quando eu estava falando do necrológio — em que você percebe a sua vida no encaixe dela com a realidade, e tudo te parece tão certo ali, que é como se você mesmo estivesse escolhido aquilo: articule esses dois parágrafos. Quando ele diz que "o segredo consiste em você conservar esses momentos, incorporá-los no seu ser". Todo esse aprendizado, todo o conjunto de estudos, meditações etc., tudo isso é para você aprender a conservar a experiência da Presença Total de maneira cada vez mais consciente e diferenciada.

A partir daí, nenhuma autoridade humana faz mais sentido para você. "O que o seu fulano acha", "mas aqui o Richard Dawkins disse isso", "o Bertrand Russell disse aquilo", "o Eric Voegelin disse outra coisa". E daí? Tem aqui um negócio chamado realidade, que disse outra coisa. Aqui, na pergunta do Paulo Camargo, ele está dizendo o seguinte: "a realidade aparece apenas como fundo difuso e nebuloso, e nós não sabemos para onde olhar". Não. Existe essa experiência também. Quando você tem uma experiência anterior, um conhecimento acumulado, você dirige o olhar para o lado certo. Só que eu não estou falando disso, estou falando de algo que vem muito depois disso.

Aluno: Professor Olavo, o curso está fantástico. Infelizmente não tenho podido assisti-lo ao vivo por minhas circunstâncias (meus dois filhos de um ano e meio não me permitem), mas acompanho a gravação logo que ela é disponibilizada no site. (...)

Olavo: Obrigado! A gravação foi feita justamente para isso. Eu sei que a maior parte dos alunos não pode estar presente num sábado àquela hora, então a aula está lá gravada.

Aluno: (...) Procuro escutar a gravação várias vezes para fixar a aula melhor, inclusive no carro (...)

Olavo: Cuidado ao ouvir a aula no carro. Não vá bater no poste! Estou falando da realidade, mas também não precisa exagerar.

Aluno: (...) Nessas ocasiões a minha esposa, Matilde, também vai escutando junto comigo. Na última aula, quando o senhor contou que saía nas aulas de geometria, ela perguntou: "Ué, como então ele passou de ano?"

Olavo: Eu não passei de ano. Eu não passei. É claro que eu repeti. E, no ano seguinte, eles me passaram só por caridade. "Ah, é um bom sujeito, vamos deixar assim mesmo." Mas aquele ano eu repeti, não tinha jeito. Eu desisti. O professor de geometria entrava e eu dizia "o senhor entra, eu saio". Coincidiu que, por outros motivos que não vêm ao caso, aquele professor foi demitido da escola. Como eu tinha sido reprovado por ele, acho que os caras ficaram com dó de mim e no ano seguinte me passaram. Eu não faria isso, eu teria me reprovado eternamente.

Aluno: Professor, o senhor poderia me dizer algo sobre Michael Polani e Irving Babbit?

Olavo: O Michael Polani escreve algumas coisas que se parecem com o que eu estava dizendo aqui sobre o negócio da realidade, sobre as limitações internas da abordagem científica — nem é limitação externa, mas interna. A ciência moderna observa certas coisas sob certo aspecto; portanto, ela só observa aspectos, e aspectos recortados de acordo com as hipóteses e as constantes que ela mesma pretende observar. Existe nela um elemento altamente subjetivista e abstratista, o que faz com que toda a filosofia desenvolvida a partir dessa tradição de ciência moderna seja de natureza extremamente subjetivista. O próprio Husserl não vai conseguir escapar do subjetivismo. Quando ele chega — estava indo tudo bem na filosofia do Husserl — no livro *Idéias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*, ele parte para o subjetivismo total, total, porque não tinha jeito. Se você aceitar essa tradição, você vai acabar no subjetivismo, não tem como escapar. O Polani fez algumas observações neste sentido — não com este radicalismo com que estou fazendo, mas fez. Quanto ao Irving Babbit, é um teórico da democracia. Li muito pouca coisa dele. Pareceu um sujeito interessante, mas que dava mais trabalho do que rendia. Posso estar enganado.

Aluno: Aquele livro do Althusser já é um exemplo de paralaxe cognitiva?

Olavo: Eu não li. Estou com esse livro na fila há um tempão. Saiu uma edição brasileira. Não examinei isso ainda. Mas nesta época, posterior ao Renascimento, praticamente tudo que se escreveu ali já vem com paralaxe cognitiva desde o início. Porque aquela época foi justamente quando se forma o conceito da ciência moderna, que se forma de uma maneira muitíssimo engraçada.

Na época, havia certa tradição de livros que eram chamados “livros de segredos”. São processos ocultos da natureza. Quando você vai ler, na verdade, parecem com livros de receita, ensinando um monte de truques, de magiquinhas etc., mas ali no meio tem receita culinária, formulinha de remédios domésticos para isto ou aquilo. Circulavam muito, como parte da herança ocultista que foi sendo desenterrada nessa época. Naturalmente, os fundadores da ciência moderna queriam se destacar dessa coisa: “isso aí tudo é macumba, e nós não temos nada a ver com isso”. Só que a inspiração verdadeira deles era aquilo. Aquele método experimental que eles estavam inventando era exatamente aquilo dos livrinhos de receita. Então você tem um comprometimento íntimo entre o ocultismo e a ciência moderna que jamais pode ser confessado. Esta coisa rígida e esta autoimagem rígida e orgulhosa da ciência moderna, como uma coisa totalmente distinta do irracionalismo, do misticismo, do ocultismo, isso tudo é uma camuflagem, não é uma coisa real. As relações entre ciência e ocultismo são tão íntimas que é impossível separar uma coisa da outra. Não dá mesmo. Claro que isto é um assunto que terá de ficar para mais tarde, um assunto de, até, histórias das idéias — nem é história da filosofia, mas nós vamos voltar a isso algum dia.

Nesta época também se observa outro fenômeno que é o das falsas autobiografias. René Descartes faz uma falsa autobiografia. O livro dele, *Meditações Metafísicas*, é um episódio autobiográfico contado de maneira radicalmente falsificada, oferecendo, ao mesmo tempo, aquela experiência como fundamento de uma nova filosofia. Bom, os dados que você está

contando já são falseados, recortados de acordo com o interesse que você tem. Você está dizendo que a coisa é uma narrativa real, mas é apenas uma figura de linguagem que você inventou para camuflar a experiência real. Os ensaios de Michel de Montaigne são totalmente inventados, falseados. É um conjunto de procedimentos de retórica para dar a impressão que ele está sendo muito sincero quando não está. Os escritos autobiográficos de Maquiavel são totalmente falseados também. É uma profusão de falsas autobiografias.

Ao mesmo tempo vai surgir o romance moderno, que é uma história inventada, sem pretensão de ser verdadeira, mas que através da ficção transmite alguma verdade profunda da natureza humana. A partir dessa época é o seguinte: só dá para falar a verdade mentindo; e quando você tenta falar a verdade, também está mentindo. A verdade se torna objeto da ficção, e a ciência tem um elemento ficcional e mágico ali dentro que ninguém quer reconhecer, mas que está ali presente — e que hoje a gente percebe com muita clareza. **[02:10]** Esta é a época da paralaxe cognitiva. Foi ali que o Ocidente aprendeu a mentir. Quando passam dois séculos e chega ao século XVIII, a mentira já é aceita como procedimento intelectual normal. Por exemplo, Voltaire e Diderot.

Com o tempo, vai aumentando esse negócio da mentira, e chega a haver fenômenos como da União Soviética: um conjunto de mentiras imposto oficialmente a trezentos, quatrocentos milhões de pessoas. Todo mundo sabe que aquilo é mentira, mas, ao mesmo tempo, todo mundo tem de dizer amém. Que loucura é esta? Como se chegou nisto? Estude as origens da ciência moderna e descubra. Essa ciência foi uma grande descoberta, mas veio com uma tara hereditária que nós temos de cortar. Essa tara foi o quê? A rejeição da Presença Total, a idéia de que o mundo das ciências pode coincidir com o mundo real — ele não pode coincidir com o mundo real. São construções feitas humanamente em cima do mundo real. O Husserl, inibido pelo subjetivismo tradicional, chamava isso “o mundo da vida” — o *Lebenswelt —,* quer dizer, o “mundo da nossa experiência”. Mas não é disso que estou falando, não é do mundo da nossa experiência. Estou falando da Presença Total, que está abaixo da nossa experiência e que está fundamentando a nossa experiência, que todos nós sabemos que está ali sem que tenhamos a experiência diferenciada dela. Mas é esta presença que — como diz Lavelle — possibilita a experiência e lhe dá toda a sua importância. Sem a experiência da Presença Total, o resto não significa nada — e foi isso mesmo que a ciência moderna amputou. Por que amputou? Porque ela já nasceu escondendo a sua própria origem. Vinha com um resíduo ocultista tremendo que jamais foi extirpado.

Como quando você lê aquela tese da Ana Maria Goldfarb (esposa do meu primeiro editor, da Nova Stella, muito boa gente), “Da Alquimia à Química”. Dá a impressão que o negócio começou como ocultismo e depois virou ciência. Não mesmo. O elemento ocultista está presente lá até hoje: vocês apenas o camuflaram. Camuflaram por quê? Porque na origem dessas ciências modernas havia uma revivescência de seitas ocultistas que tinham ficado mais ou menos escondidas durante a Idade Média e que de repente voltaram e falaram “agora nós vamos tomar o poder. Nós vamos derrubar a Igreja Católica e tomar o poder. Mas não podemos aparecer com aquela cara de

feiticeiro, porque senão eles nos queimam e nós vamos nos desmoralizar. Então, vamos encobrir com outro negócio e vamos dar a impressão de que estamos em um terreno neutro". Este é um dos mitos fundadores da sociedade moderna, mas é um mito. Por exemplo, quando você lê livros sobre o Iluminismo que dizem: "no Iluminismo predominava a razão sobre a mística etc." Absolutamente falso. O conceito que eles tinham da razão é um conceito eminentemente fetichista e mágico. Quando você observa a cultura real da época, você vê que nunca pulularam tantas seitas ocultistas, nunca houve tanta macumba quanto durante o Iluminismo — praticado pelas mesmas pessoas que estavam ali arrotando razão para tudo quanto é lado. Quando existe o mito fundador, também existe a mentira fundadora, e nós temos de ter a coragem de sondar e descobrir. Alguém mentiu lá para trás e depois a geração seguinte esqueceu que era mentira — e isso vira o quê? Uma neurose, que, na definição do Juan Alfredo César Müller, é "a mentira esquecida na qual você ainda acredita". Como nos livrar da neurose? Descobrindo qual foi a mentira ancestral e parando de acreditar nela.

Aluno: A coleção da História da Filosofia de Nicola Abbagnano é boa?

Olavo: É muito boa, só que é o seguinte: é o tipo de história da filosofia que não busca criar uma continuidade histórica. É como uma série de ensaios isolados sobre autores diferentes, mais ou menos como a "História" do Copleston. Tem várias "Histórias" que são concebidas como uma série de estudos monográficos sobre autores diferentes, sem dar muito o panorama histórico, o fundo cultural etc. É uma das alternativas que existe em história da filosofia. Há muitas maneiras diferentes de fazer história da filosofia. Eu mesmo acredito que criei uma outra forma, que é reportar tudo ao projeto socrático originário e tentar ver o desenvolvimento inteiro da história da filosofia como diferentes reações ao projeto originário, restaurando essa idéia, desse modo, como uma espécie de unidade problemática da história da filosofia. Não uma unidade linear tipo hegeliana, mas uma unidade problemática. A outra é desistir de levantar o problema da continuidade histórica e simplesmente estudar as várias doutrinas paralelamente, que é o que o Nicola Abbagnano faz — e o faz com uma competência fora do comum.

Aluno: Você cita bastante em seus artigos a obra de psicólogos menos lidos nas universidades. Qual o lugar desses autores na sua formação filosófica e que papel eles podem ter na nossa?

Olavo: A psicologia do século XX é um negócio tão imensamente rico e tão formidável que, quando você vê o que se ensina nas universidades brasileiras, você fica com vontade chorar. Você está vendo ali aquela montanha de coisas maravilhosas e os caras ali se alimentando só de coisinha, de picuinha. Estão perdendo tempo. Alguns desses psicólogos foram fundamentais para mim. Aliás, esse é mais ou menos o programa do curso que vou dar aqui de 14 a 19 de setembro: "Conceitos Fundamentais da Psicologia".

Houve uma época na minha vida em que eu praticamente só estudava isso. Acho que fiquei pelo menos três anos orbitando em torno disso aí, graças ao meu amigo Juan Alfredo César Müller. Ele uma vez me contratou para redigir um curso que estava dando. Eu não entendi uma palavra do curso e falei

“agora o senhor vai ter de dar o curso para mim, senão eu não vou conseguir escrever o raio do livro”. (Jamais consegui escrever o livro!) Ele morreu e o livro não foi escrito até hoje. Eu tinha uma sessão semanal com ele, fazia um monte de perguntas e ele me dava uma pilha de livros para ler. Foi ali que descobri o Szondi, que era o grande guru dele. Note que tudo que Szondi disse foi confirmado depois. Não tinham descoberto o ADN no tempo do Szondi, e ele fazia uma psicologia toda baseada na genética. Na época, parecia um absurdo reforçar tanto o ponto de vista genético, mas com a teoria do ADN... “epa, o velho tinha razão!”. Outra coisa que também se deixava entrever naqueles escritos dele é que as psicoterapias tinham um efeito muito limitado e que a única esperança seria a farmacologia, no fim das contas, como de fato é. A melhor psicoterapia do mundo não pode fazer o que certos remédios fazem — o sujeito está completamente doido e volta para vida normal em um dia.

Algumas outras obras, como o *Tratado de Psicologia*, de Maurice Pradines, são uma sucessão de iluminações. Acho que o Maurice Pradines foi o único sujeito que entendeu a noção do que é o inconsciente. Tem um capítulo desse tratado que usei muitas vezes no meu curso, em que ele falava dos dois inconscientes — o inconsciente de origem e o inconsciente formado com o tempo — e a dialética, a luta entre os dois. **[02:20]** Quando você pega o conceito de inconsciente do Maurice Pradines, o do Freud começa a parecer uma coisinha mecânica. Só que no Freud o elemento ideológico era muito forte. Ele queria logo chegar a uma conclusão para poder impor a teoria dele. O Maurice Pradines, na verdade, não tinha teoria nenhuma, ele estava é tentando descobrir como as coisas são.

Todo esse universo imenso do estudo de praticamente todas as caracteriologias e tipologias existentes é um dos assuntos mais interessantes que existem. Toda essa coisa da psicologia, para mim, foi, e é ainda, um motivo de deslumbramento constante: o de se perceber quanta coisa maravilhosa foi descoberta em um século. Depois veio o Paul Diel, Vicktor Frankl, Igor Caruso, que é o sujeito que descobre que nos processos neuróticos existe muito mais uma repressão da consciência moral do que da repressão do desejo sexual. É muito mais fácil você aceitar um desejo sexual do que você aceitar uma cobrança que vem da sua consciência moral. Essa é a primeira que você manda calar a boca. É a última que fala e a primeira que apanha.

Aluno: A respeito do exercício de ler as obras de certos autores e de imitar seus estilos de escrita: o senhor recomenda ler as obras de Nelson Rodrigues para o exercício? (...)

Olavo: Mas é claro que recomendo! Se forem artigos ensaísticos, de jornal, de polêmica, é mais fácil de imitar do que obras de ficção, até porque nem todos nós temos talento para ficção. Mas emitir uma opinião, se explicar, todos nós temos necessidade disso. Esse tipo de escrita todos nós temos de aprender. Eu recomendaria mais esse tipo de prosa, não a do teatro dele, mas as crônicas dele. Eu acho, inclusive, as crônicas muito superiores ao teatro. No dia em que se perder todo o interesse no teatro do Nelson Rodrigues, as crônicas ainda terão interesse justamente pelo poder da sua linguagem.

Aluno: (...) Antes de entrar no curso tive a oportunidade de ler O Óbvio Ululante e sua escrita me chamou a atenção quanto à adjetivação e as frases diretas e implacáveis. Cogitei a leitura de O Reacionário e A Cabra Vadia tendo esse exercíco em mente. Todos os títulos são das Confissões, originalmente publicadas no jornal O Globo.

Olavo: Mande bala! O conselho é esse: não imite um só. Quando você vir que já aprendeu mais ou menos os truques de um, você passa para outro. O Nelson Rodrigues é um escritor muito eficiente, mas não é estilisticamente rico. Os procedimentos dele são uns quatro ou cinco, mas eles funcionam. Ele também não é um prosador de calibre máximo. Não é nenhum Camilo Castelo Branco, não é nenhum Ortega y Gasset. Uma coisa que eu recomendo muito é ler Ortega y Gasset. Mesmo quando ele está errado como filósofo, e o que ele está dizendo não é tão importante, é o maior prosador da língua espanhola e da península Ibérica ao longo de cinco séculos, pelo menos. Ninguém escreve como Ortega y Gasset. Ele é um mágico do idioma. Mas leia em espanhol. Não leia a tradução, não.

Aluno: Caro professor, obrigado pelo curso. A cada aula acende um farol na minha mente iluminando coisas que se encontravam absolutamente invisíveis (...)

Olavo: Essa é a idéia! A inteligência humana é um negócio poderoso, vocês não imaginam. As pessoas às vezes só não são tão inteligentes quanto podem porque ninguém disse para elas que inteligência existe. Você é educado desde o início pensando que é um imbecil programado pelo ambiente. Essas frases que não querem dizer nada.

Aluno: (...) Sobre o "carma familiar", esse assunto sempre me interessou muito. Gostaria de saber o nome do psicólogo mencionado e se possível alguma literatura a respeito.

Olavo: O psicólogo chama-se Lipot — que é o equivalente húngaro de Léopold — Szondi. Disseram-me que se pronuncia *Trondi*, mas eu não sei já que a lingua hungara é impossível de aprender! Você chega na Hungria e as pessoas parecem que estão falando, mas eu não acredito que elas estejam falando alguma coisa. É um povo maravilhoso, mas uma lingua desgraçada.

Existe um único livro dele traduzido em português pelo Dr. Juan Alfredo César Muller, chamado *Introdução à Psicologia do Destino*. Por incrível que pareça às vezes se encontra ainda alguns exemplares publicados pela editora Manole. Existe uma tradução espanhola pela editorial Nuova de Buenos Aires do *Tratado do diagnóstico experimental das pulsões*, tradução feita pelo Dr. Soto Yarritu, que era um dos grandes estudiosos do Szondi. Mas esse livro é somente dedicado ao teste, ao diagnóstico do Szondi e não à parte teórica. Na parte teórica, a obra inteira que se chama *Schicksalsanalyse* — Análise do Destino — que só existe em alemão. Alemão é uma língua desgraçada. Eu, para ler um livro em alemão, levo um ano e meio e ainda não tenho certeza de que entendi. Mas pedaços foram traduzidos para o francês. Existe um livro sob o título *"L'analyse du destin"*,que é uma seleção de trechos do grande livro

Análise do Destino. Chama-se *Análise do Destino* porque o problema que ele colocava era exatamente este problema que amadoristicamente se coloca como *livre arbítrio / determinismo*, ou seja, qual é o jogo do que ele diz ser destino compulsivo e o destino de livre escolha. Nunca existe nem uma coisa nem outra. Existe um certo jogo muito complexo que começa justamente com a escolha entre as pulsões contraditórias herdadas dos antepassados. Existe uma página do Lípot Szondi na internet. O Szondi é impressionante, porque cada vez mais vemos que ele tinha razão.

Aluno: Gostaria de saber se o senhor considera as obras de Clarice Lispector e Rubem Fonseca importantes no panorâma histórico da literatura brasileira e se elas são adequadas ao exercício indicado no Curso.

Olavo: Qualquer escritor de certa qualidade pode servir como exercício. No caso da Clarice Lispector, o estilo literário dela é muito digno de ser imitado, é muito expressivo, muito rico. O que eu não consigo apreciar nela é a estrutura, a ordem dos romances dela, que eu acho muito confusos. O Rubem Fonseca eu li muito pouco, somente um conto, então não posso me pronunciar a esse respeito.

Aluno: Ainda sobre a onipotência do ambiente, quando o sr. se referiu à mediação exercida pelo nosso aprendizado, isso pode ser entendido também como mediação exercida pela nossa matriz pessoal de intelecções possíveis? Esclarecendo melhor a pergunta: O ambiente tem uma ação diferenciada em cada pessoa devida também ao impacto relativo que determinada situação tem para cada um de nós, devido a fatores constituintes diferenciados de nosso caráter genético, histórico, familiar, fisiológico?

Olavo: Mas é evidente que sim! **[02:30]** Você vem ao mundo com uma certa constituição genética e uma certa constituição caracterológica. Existem certas constantes que não irão mudar. E você vai filtrar tudo isso. Então a influência do ambiente molda em parte o sujeito, mas ela terá de se amoldar ao que já está pronto. E isso que já está pronto também não é unívoco, porque você já vem com uma constituição formada, mas na própria constituição existem elementos conflitivos. Por exemplo: as diferentes heranças dos antepassados, que terão de ser combinadas de alguma maneira.

Aluno: (...) Pelo que eu entendi do que o Sr. falou, a exploração da linguagem seria também uma exploração da realidade. Gostaria de saber até que ponto essa exploração se traduzirá em uma participação fidedigna do novo conceito aprendido, dado que o sentido e a substância daquele conceito só podem ser apreendidos em sua totalidade empiricamente. A pergunta surgiu porque associei o que o Sr. disse ao conceito dos símbolos, que transcende a apreensão imediata feita através da linguagem.

Olavo: Cada nova palavra aprendida é uma matriz de figuras de linguagem possíveis. A palavra será usada em muitos contextos diferentes, com muitos sentidos diferentes, e de algum modo acumulará sentidos. Outras palavras adquirem para você um sentido pessoal que só funciona no seu contexto familiar ou no seu contexto social etc. O grande desafio é o seguinte: quase tudo que nós não sabemos direito, nós só conseguimos expressar como figura

de linguagem. Figuras de linguagem nunca dizem o que uma coisa é. Dizem o que você está sentindo, o que você está percebendo dela no momento. Então quando você tem de designar algo como figura de linguagem, das duas uma: ou você é capaz de decompor criticamente essa figura de linguagem pegando as suas várias camadas de significados e separando quais que correspondem efetivamente à realidade percebida e quais que são qualidades projetadas e assim por diante, ou então você tem de reconhecer que você não sabe muito bem do que você está falando, e que essa fala é uma coisa nebulosa e que por isso mesmo você está expressando poeticamente por não saber muito bem do que se trata.

Aluno: Professor, (essa pergunta é interessante) assisti recentemente a um programa de vinte e cinco de junho do "Prision Planet", do Alex Jones, onde este último entrevistava o autor Webster Tarplay. Observei que o doutor Tarplay, ao falar sobre geopolítica atual, procurou demonstrar um grande conhecimento do que acontece no ambiente mundial. Contudo, ele e Alex Jones, embora tenham muitas fontes de informações, acabam descrevendo loucamente as crises do Irã e da Coréia do Norte, pois ignoram totalmente a influência russa e chinesa sobre ambos os países. (Isso é exato!). Para eles só há a ação da elita globalista sobre o resto do mundo. Então pode-se dizer que esses indivíduos, apesar de bem intensionados, estão presos nos esquemas mentais que os impede de captar corretamente o que está acontecendo no mundo? Isto é, existe apenas o EUA como sujeito, não podendo ser a nação americana objeto de ação de outras nações.

Olavo: Batata Alexandre, batata! Olha, a cultura americana é muito rica. Ela é tão rica que você pode viver dela o resto da sua vida sem você nunca se interessar por nada que passou de fora. Aqui nos Estados Unidos é difícil se encontrar uma pessoa que fale uma língua estrangeira. Mesmo quando aprendeu o sujeito não se interessa por aquilo. A idéia que se tem é de que existe uma força agente, que são os Estados Unidos, e que eles fazem tudo. Então a ação estrangeira sobre o resto do mundo e sobre eles mesmos é passada ou despercebida ou como um detalhe irrelevante. Observa-se, como eu observei, que idéias e opiniões que foram injetadas aqui nos anos 50 pela KGB, com o tempo se tornaram a opinião dominante da grande mídia. A influência da KGB foi devastadora. Ela praticamente moldou a cabeça da classe jornalistica aqui. Mas se você disser isso para um americano eles pensam que você está louco. De certo modo, o próprio orgulho nacional americano torna-os cegos para a ação das outras nações. Eu já resaltei mil vezes que nunca existiu uma organização do tamanho da KGB. É um negócio muito poderoso. Por exemplo, se você pegar uma firma de comunicações americana como o New York Times e comparar com a KGB, o New York Times é titica de galinha. A grande mídia americana inteira comparada com a KGB não é nada. A KGB tem um orçamento ilimitado e secreto, nem o parlamento soviético podia discutir o orçamento da KGB. Então quanto dinheiro tinha na KGB? É ilimitado, não dá para saber. As operações que eles chamam *medidas ativas* — isto é, moldar a opinião pública num outro país através de milhares de agentes de influência absolutamente insuspeitos, nenhum deles comunistas — é um negócio brutal! Influência ativa e permanente na formação da opinião mundial só existe uma: a KGB. O resto é tudo picado, temporário, impermanente. E esses caras aqui não tem a menor idéia. E como é que está

funcionando a KGB hoje? Só sei o seguinte: ninguém foi demitido da KGB. A KGB continua do mesmo tamanho. Mudou de nome, chama-se FSB, e daí? Ela já mudou de nome 20 vezes. Chamava-se *Tcheka,* depois *NKVD*, mudou de nome mais uma vez, e isso foi tudo que aconteceu. O que eles estão fazendo exatamente? Não dá para saber. Dá para saber o que eles fizeram em outras épocas. Os arquivos da KGB não foram abertos, continuam fechados. Os que foram abertos são os arquivos do partido comunista, então indiretamente dá para se saber muita coisa do que a KGB fez. Mesmo assim o que se pegou até hoje é quase nada. Só para dar uma idéia: O Vladimir Bukovsky mostra que a imprensa de centro esquerda européia, por mais de 10 anos, foi toda financiada pela KGB e os europeus acreditando que aquilo era sua opinião nacional. Nacional nada! "*Foi o russo que mandou vocês pensarem assim!*" - Chegaram lá, compraram todo mundo, soltaram propina para todo mundo e pronto, acabou. E aqui foi a mesma coisa. Dá para saber o que eles fizeram nos anos 50 e então, extrapolando por comparação, imagina-se o que eles continuaram fazendo na década seguinte. O Alex Jones e o Tarplay têm uma visão completamente ideologizada da coisa. Para eles só existe a Nova Ordem Mundial, e que é americana. O resto são apenas fantoches acionados no cenário do mundo pela ação americana. Isso á absolutamente falso e tem muita gente que pensa assim.

A situação do mundo de hoje é um negócio tão complexo que não foi feita para qualquer Alex Jones, para qualquer Tarpley. Para se estudar essas coisas é preciso ter esse tipo de informação que eu estou dando para vocês. Vocês daqui a dez anos irão estar habilitados para entender tudo que acontece no cenário político mundial. Mas por enquanto não dá. Eu fico consternado de ver as pessoas com aquela sua formaçãosinha — Ah, estudei ciência política, estudei sociologia — acharem que irão entender alguma coisa. Meu deus do céu! Se você pegar somente a tradição marxista — o livro do Kolakowski, *Correntes Principais do Marxismo*, de três volumes —, só essa tradição é um mundo, é um universo inteiro de coisas com uma linguagem própria, com códigos mais ou menos implícitos. É um mundo difícil de penetrar. Agora, pegando outra linha de investigação, que é *socialismo* e *organizações ocultistas*. Se você passar a vida estudando o marxismo você nunca vai saber disto. No entanto, se você estudar isso sem conhecer o marxismo, você também não irá entender.

Essa linha entre ocultismo e socialismo, como ocultismo e ciência moderna, é uma coisa que surgiu no interesse acadêmico muito recentemente e se vê os estudiosos chegando num assunto sem ter as categorias. Por quê? Porque o horizonte deles é o da comunidade acadêmica. Eles irão entender até certo ponto, passando daí eles não irão entender.

Ainda tem gente que acredita — aqui está cheio de gente que acredita — naquele trecho do Alexis de Tocqueville, na *Democracia na América*, quando ele fala da tradição das revoluções e ele diz: "(...) a base das revoluções é o ideal da democracia (...)". Mas se o ideal das revoluções é o ideal das democracias, como é que elas criaram as piores ditaduras de todos os tempos? Foi um equívoco! **[02:40]** Em suma, a idéia de democracia não tem nada a ver com as revoluções. A revolução é uma coisa completamente diferente, não tem nada a ver com isto. Hoje eu entendo que o processo revolucionário pouco tem

a ver com a natureza das propostas políticas que ele apresenta. Ele é um fenômeno de ordem estrutural, de ordem cognitiva que você pode trocar as propostas políticas mil vezes. Pode-se trazer propostas democráticas, socialistas, fascista, anarquista, nacionalista, o que se quiser. Mas se acredita que é possível entender as revoluções estudando-as do ponto de vista da suas ideologias e das suas propostas políticas. Mas não é possível. Eu mesmo acreditei nisso por muito tempo.

Aluno: Lendo o "Capítulo I — Origens da vida espiritual", do livro de Adolfo Tanquerey indicado pelo Sr., Tratado de Teologia Ascética e Mística, na tradução inglesa (eu nem sabia que existia uma tradução inglesa) nos seguintes textos das páginas 35 e 36: "O filho de Deus se encarna e assim se torna o chefe da humanidade, a cabeça do corpo místico que por si é impecável. A vontade livre lhe dá o poder de se afastar dos bens reais para o que é somente um bem aparente. Isso implica o poder de se apegar ao bem aparente preferindo-o ao bem anterior (isto é, ao verdadeiro). Essa mesma escolha é o que constitui o pecado, como disse São Tomás de Aquino: "a impecabilidade só pode ser encontrada onde a vontade livre se identifica com a lei moral" (...)

Olavo: Isso é privilégio de Deus! Prestem atenção.

Aluno: (...) Se a livre vontade se identifica com o conceito de livre arbítrio que o Prof. se referiu na última aula, gostaria de conhecer a opinião do prof. sobre a posição de São Tomás de Aquino, acima exposta.

Olavo: Feliz coincidência, porque era sobre exatamente disso que eu estava falando. Eu disse que nós nem somos determinados e nem temos livre arbítrio. Nós temos a liberdade de escolher entre distintas determinações e de deixar que Deus nos determine e nos infunda a sua liberdade. Então Deus pode nos tornar livres. Foi isso que eu disse. É muito mais complicado. Nós temos determinismo ou livre arbítrio? Como temos? Existe um milhão de determinismos diferentes e contraditórios onde você não pode ser totalmente determinado por nenhum deles porque se eles se anulam uns aos outros. E por outro lado, se a liberdade for tomada como absoluta, só um pode ter liberdade. E se um tem a liberdade absoluta, ele determina tudo e, portanto, ele vai determinar quem está igual. Esse é Deus. Então Deus tem a liberdade absoluta e ele nos infunde o quanto dela nós podemos aguentar. É exatamente o que São Tomás está dizendo.

Olha aqui a mesma pergunta:

Aluno: Se de um lado temos a capacidade de aprendizado que nos é dada previamente, geneticamente, e, do outro, as referências que absorvemos do ambiente, onde é que o livre-arbítrio entra nisto?

Olavo: Acabei de explicar a dialética muito complicada dessas coisas. Porque a genética e o aprendizado não te influenciam no mesmo sentido. Você pode ter quinze tendências genéticas diferentes e o ambiente te ensina outras quinze coisas completamente diferentes que não se encaixam, contradizem ou falseiam uma outra. Isso é uma coisa que não tem solução unívoca. Liberdade

e determinismo são conceitos extremos de ordem metafísica que não se aplicam, de maneira alguma, à descrição da situação real humana. Não dá nem para descrevê-la como uma mistura de liberdade e determinismo porque não é isso. É um sistema complicado de distintos determinismos onde se vai passando de uma determinação imposta para uma determinação aceita. A lei moral é aquilo que Deus quer que você faça. Na medida em que você se aproxima disso ele te infunde um pouco da sua liberdade. Mas ele não pode te impor isso. Então não se pode dizer que o ser humano *é livre*. Ele não é. Ele é só livre de escolher as distintas determinações. E tem algumas determinações que o escravizam e tem outras determinações que o libertam. Mas são sempre determinações. Então a liberdade também é uma forma de determinação porque a lei moral vem de Deus. Se você falar em liberdade no sentido absoluto para o ser humano ela não faz sentido, mesmo porque você nasceu em algum dia. Você entrou na existência depois de decorridos bilhões de anos. Você já entra em um cenário que está pronto e você já entra trazendo uma carga genética de que também não foi informado. Falando-se da liberdade do ser humano, fala-se da liberdade de um ser que está colocado nestas condições no meio de um cruzamento de determinações diferentes. Se essas determinações não fossem diferentes, se elas fossem todas unívocas, você seria totalmente determinado, ou seja, o que impede que você seja totalmente determinado é a existência das determinações e não a liberdade! Você não pode ser totalmente determinado nem mesmo pelo conjunto das determinações, porque elas se contrariam entre si e se combinam de maneiras enormemente complexas.

Aluno: São Paulo Apóstolo coloca o problema da liberdade como a quem você vai servir.

Olavo: Isto. Aqui está a pergunta do Alessandro. A lei da carne e a lei de Deus. A carne, esse conjunto de determinações imediatas de ordem terrestre, material e a lei de Deus que também é uma servidão, também é uma determinação que vem de fora, só que, se você a escolhe, ela lhe infunde parte da liberdade divina. Então não se trata de uma oposição entre determinismo e livre arbítrio, mas entre diferentes determinismos. E se existem diferentes determinismos, então não existe um determinismo total. Percebe-se que esses termos não são adequados. Temos de falar de determinismos, já que existem muitas determinações diferentes. Existe mesmo a liberdade de escolha, mas é a escolha entre duas determinações. Não é que você diga: “agora não vou obedecer mais nada, agora eu estou livre, agora eu faço o que eu bem entendo”. Mas aí se pergunta: “ Quem é esse ‘eu?’” Você inventou esse “eu” ou você também já o recebeu pronto? Quando você começou a pensar, já existia um eu?

É aquele assunto que discutimos outro dia, do Prof. Safatle, quando ele diz “O ‘eu’ é imposto desde fora”. Mas se o “eu” vem de uma imposição externa, alguma coisa tem de existir para essa imagem do “eu” poder se impor. **[02:50]** E isto que existe antes não é uma imagem do “eu”. É uma pessoa real. Então o “eu” que será imposto não pode sê-lo totalmente de fora, porque existe uma pessoa real à qual ele vai se impor, e esta pessoa não foi imposta de fora. A pessoa já existia. Tudo isto são maneiras abstratistas, mecânicas e no fim das contas pueris de se colocar o problema. Que querem chegar logo a uma

resposta: “é isto ou aquilo”. Eu falo: “espera aí: é você quem está propondo esta regra do jogo. Eu quero saber como as coisas são de fato. Não existe determinismo ou livre arbítrio. Não vem me forçar a vestir esta pergunta como uma camisa de força, isto é truque do diabo”.

Aluno: Estava fazendo uma série de leituras e me deparei com o livro Missa Negra — Black Mass — de John Grey, filósofo inglês. O livro trata justamente da transmutação do pensamento milenarista nas ideologias políticas atuais. Um assunto que me interessa barbaramente. Eis o que ele diz em certo ponto: “As crenças milenaristas são uma coisa. Outras são movimentos milenaristas e outros regimes milenaristas. (E eu diria ainda: e outra coisa é estrutura da percepção milenarista, que está por baixo de tudo isto). Movimentos milenaristas só se desenvolveram em circunstâncias históricas específicas. Eles podem configurar-se em condições de desequilíbrio social de larga escala como na Russia Czarista e na Alemanha de Weimar, desde a primeira guerra mundial ou então num único acontecimento traumático como nos Estados Unidos em 11 de setembro. Movimentos desta natureza normalmente estão associados a catástrofes. As crenças milenaristas são sintomas de um tipo de dissonância cognitiva no qual ruíram os elos normais entre a percepção e a realidade.

Olavo: Eu não sei não. A mim me parece o contrário. O modo de percepção milenarista, que é o de inversão do tempo, eu acho que ele é uma tendência permanente da humanidade. Porque isso não é uma dissonância cognitiva, é uma defasagem entre dois planos da realidade. Por um lado, você é um indivíduo humano, por outro lado, você é membro de uma coletividade, você é um personagem da História. Enquanto indivíduo, a nossa vida se constrói desde um projeto de futuro. Todo mundo quer ser alguma coisa quando crescer. Todo mundo tem objetivos na vida. Bom, tem algumas pessoas que não tem, mas essas pessoas são irrelevantes na verdade. Se a pessoa não tem objetivo, a vida dela vai ser revestida com outro. Então eu estou falando das pessoas ativas. As pessoas ativas têm objetivos. Um quer ficar rico, outro quer comer todas as mulheres do mundo, outro quer ser um sábio, outro quer ser Papa, outro quer ser um santo, e assim por diante. É desde esta perspectiva de futuro que você toma suas decisões de agora e que você orienta sua vida. Então, a imagem de futuro é um fator permanente na estrutura da vida individual humana. Por outro lado, você é um personagem da sociedade, é um membro da sociedade e um personagem da História. E aí, pessoas que tem um grande poder concebem uma imagem de futuro, de um projeto delas, e metem você nesse projeto. Só que nas passagens do plano individual para a sociedade nós temos o seguinte problema: Nossa vida tem uma duração média previsível. Você sabe que você não vai viver 500 anos, então que os seus planos devem ter uma medida de tempo. E na História, qual é a medida de tempo? O ser humano espontaneamente não precisa estar defasado da realidade, espontaneamente ele olha para o futuro e pede para que o futuro molde o presente. Mas se ele for não apenas um indivíduo, mas um governante, um sábio, um profeta ou pseudo-profeta, ele começa a fazer a mesma coisa no plano da história. Não porque ele esteja alienado. Mas porque ele não tem outras categorias de pensamento, exceto aquelas que se aplicam à sua vida intelectual. Só que a partir de um certo momento, ele passa da medida do que é humanamente previsível e começa a raciocinar em termos de

história total. Não precisa haver uma crise e o sujeito não precisa estar desesperado para fazer isto.

Movimentos de milenarismo organizado acontecem em situações de crise, existem surtos até de teorização milenarista em certos momentos, mas não é só nestes momentos. Eu outro dia mencionei para vocês a oferta de Roger Bacon ao Papa: “nós podemos por meios astrológicos, calcular a vinda do Anti-Cristo e nos preparar para isto”. Isto não foi feito num momento de crise, isto foi feito num momento de apogeu da religião católica. Por outro lado, quando expulsam os judeus da Espanha, aparece um monte de milenarista. Então acontece o que está dizendo aqui o John Grey, ou seja, você tem um surto milenarista em resposta a uma situação aflitiva. Sua vida presente está tão miserável que você tem de sonhar com um negócio futuro. O momento e a maneira de transformação das crenças milenaristas em forças decisórias no terreno da política depende dos acidentes da história. Bem, isso aí é verdade, mas eu não acho que o milenarismo em si seja uma dissonância cognitiva. Eu acho que uma certa tendência milenarista é normal no ser humano. O problema se constitui verdadeiramente quando esta expectativa milenarista se torna excessivamente terrestre, quando ela perde a dimensão espiritual, por exemplo a esperança. Digamos: quando nós, católicos, rezamos a prece que nossa senhora ensinou em Fátima “Oh, meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o céu e socorre as que mais precisarem”. Esta frase: “levai as almas todas para o céu” é uma esperança milenarista. Que Jesus salve a todos. Só que quando ele vai fazer isto? Não sei. Como ele vai fazer? Também não sei. Então você coloca sua esperança milenarista totalmente em Deus, e você não vai pautar a sua vida — nem a sua vida pessoal, nem a sua vida histórica — com uma esperança milenarista mais ou menos datada. Você vai fazer a sua tarefa e deixar a Deus o que é de Deus. Daí a César o que é de César e daí a Deus o que é de Deus. O reino da história é o reino de César, não é o reino de Deus. Deus vai fazer o juízo final quando terminar a história. Ele mesmo já disse; termina tudo e fazem-se novos céus e nova terra. Com é que vai ser isto ? Nós não temos a menor idéia, nós não temos o controle disto. Até este ponto a esperança milenarista é normal no ser humano. Ela não pode ser uma dissonância cognitiva em si mesma. Ao contrário, esta esperança dá pra você a medida das relações entre tempo e História com a eternidade. É o título do livro do Jean Louis Vieillard-Baron, que é um dos grandes filósofos: *A ilusão histórica e a esperança celeste*. A nossa esperança milenarista está no céu, está em Deus. Digamos na meta-História. A dissonância cognitiva começa quando isto baixa para a História, ou seja, quando a relação correta entre tempo e eternidade se perde. Você escapou da estrutura da realidade.

O tempo histórico no qual nós vivemos não é contínuo, ele é escandido pela morte das pessoas. Os personagens entram, saem e não voltam mais. Para aquele que morreu, a História terminou. Mas e a continuidade histórica? Bom, a continuidade histórica só existe no nível abstrato e verbal. **[03:00]** O historiador, o sujeito que raciocina sobre a história ele descobre certas linhas de continuidade que materialmente não existem. Por exemplo, a própria noção de milenarismo: apareceu um fenômeno milenarista e anos depois aparece outro, sem nenhuma ligação causal entre si. Nós percebemos o retorno de uma estrutura. Esta percepção só existe no nível da abstração, ela não existe

materialmente na história. Ela só pode ser entendida justamente na relação entre tempo histórico e eternidade. Isto quer dizer que a história no sentido material da coisa é totalmente descontínua. A história é feita de cadáveres. As pessoas morrem, e no entanto a ação histórica se prolonga. Quando uma instituição ou uma organização decide prosseguir na execução de um plano por cem ou duzentos anos, ela sabe que isso não existe materialmente. Sabe aquele negócio do Lord Keynes: a longo prazo estaremos todos mortos? Esta possibilidade de uma ação histórica contínua só existe quando as pessoas se colocam num plano que transcende a duração da sua própria vida, e ela sabe que materialmente não vai participar daquilo. Então não vai haver continuidade real, mas apenas continuidade estrutural. Certas regras do jogo serão repetidas, as pessoas continuarão a jogar o mesmo jogo depois que a gente morrer. O que dá algum sentido real a esta continuidade é a dimensão de eternidade, na eternidade seremos todos julgados. Todos os nossos planos e nossas ações históricas também serão julgados. Lá tudo adquire unidade. Mas a dimensão Histórica em si é toda esfarelada. Temporalmente e mais ainda espacialmente. Culturas que não se comunicaram entre si, que não se influenciaram em nada, totalmente independentes, uma não sabia da existência da outra, o que elas pensavam? No tempo dos astecas, que pensavam disso os chineses? Não pensavam nada. Eles nem sabiam o que estava acontecendo. No entanto, nós concebemos um plano de unidade da espécie humana, esta unidade só existe para nós como idéia abstrata, e se ela tem algum fundamento, é perante Deus. Sem a idéia de um deus universal, não há humanidade alguma. A própria idéia de humanidade é dependente da idéia de Deus. Ou a humanidade é apenas uma abstração, um nome, ou ela é um personagem diante de Deus. Por isso que o milenarismo em si não é uma coisa doente.

A esperança milenarista é uma tendência permanente da espécie humana e uma tendência boa, no fim das contas. O judaísmo inteiro é um milenarismo porque tem uma estrutura histórica, tem uma origem e vai ter um fim. E as nossas esperanças estão colocadas no fim. O que é o cristianismo inteiro? É um milenarismo. Mas não é um milenarismo terrestre. A dissonância começa quando se torna um milenarismo terrestre, porque aí você está aplicando coisas ao plano terrestre que só fariam sentido no plano da eternidade. Que é a eternidade? É a simultaneidade de todos os momentos. Portanto, é o contrário do que a continuidade histórica. Agora, quando você projeta esta esperança milenarista na Terra, você pega um momento do fluxo histórico — isso foi muito bem explicado pelo Eric Voegelin — e você o cristaliza como se ele fosse ficar parado. É o fim da História, mas e depois do fim da História? Ela continua, não há fim. Só há fim na eternidade, no plano da eternidade. Santo Agostinho explicou isso direitinho. Não há continuidade nem unidade na História humana a não ser perante Deus. Se você abole Deus, então você tem de inventar uma História que tenha unidade. Você criar um fetiche, e fazer com que estas concepções abstratas de historiadores e de filósofos da história se tornem uma coisa materialmente existente. É claro que isso é um fetiche, isso é uma idolatria e uma estupidez fora do comum.

Aluno: (...) O momento e a maneira da transformação das crenças milenaristas em forças decisórias no terreno da política dependem dos acidentes da história?

Olavo: Sim e não, porque a partir do momento que você terrestrializou a idéia milenarista, a tendência de transformá-la em ação histórica é quase incoercível. Você não conceberá um apocalipse terrestre se você já não perdeu a noção da eternidade. A terrestrialização da esperança milenarista vem junto com a formação de movimentos políticos destinados a implementá-la. Por exemplo, essa série de percalços que os Judeus passaram na Renascença. Isso é bom saber: perseguição pra valer, os judeus sofrem na Renascença, não na Idade Média. Na Idade Média o pessoal deixava os judeus, tinha a sentença do Papa dizendo que os judeus devem ser deixados viver tranquilamente de acordo com suas tradições ancestrais e ponto final. Havia hostilidade popular contra os judeus, mas jamais veio da autoridade. A partir da Renascença, quando se formam os Estados nacionais, cada nação tem uma comunidade judaica lá daí o rei começa a pensar: "o que nós vamos fazer com esses caras?" Então, uns decidem: "deixa o camarada aí, eles ganham dinheiro e emprestam pra nós". Outros não: "vamos roubar todos de uma vez, vamos expulsar todos" e então os Judeus começam a ter problemas sérios. E quando começa o problema sério, aparece a Cabala de Isaac Luria, que já é um projeto de ação política. Tudo que vai acontecer no mundo moderno — movimentos políticos e ideológicos — já está tudo mais ou menos no Luria. E aí aparece outro sujeito, que é o tal do Sabbatai Zevi que pega esta mesma idéia e a aborta. Ele é completamente maluco; ele declarou que era o messias, e depois de ele brincar de messias um tempo ele se converte ao Islã. Você vê que vexame desgraçado. O Guershom Scholem diz que o Sabbatai Zevi era inspirado pelo Luria, mas tem gente que diz que não. Foi o cara que estragou tudo. Bom, devem ter acontecido as duas coisas. O Isaac Luria tentava articular a salvação terrestre com a perspectiva judaica tradicional, mas eu acho que não dá certo. "Nós temos que corrigir o mundo pra quando vier o Messias" Mas se você vai corrigir o mundo, o mundo tá todo santificado. O Messias vai fazer o quê? Ali já tinha uma perspectiva de reorganização política do mundo. Você imagina um povo que está ferrado, sendo chutado de tudo quanto é lado. "Ah nós vamos consertar o mundo" Aí o rei tem razão. Como dizem, o fracasso subiu à cabeça. O sujeito não tem onde dormir, vai a um hotel e não o aceitam, então ele fala: "pode deixar, eu tô aí consertando o mundo". É claro que é a grandeza da desgraça. Mas nem sempre é assim. Tem outros projetos milenaristas que são alimentados pelo próprio poder. Você vê o exemplo dos Judeus e dos nazistas. Os projetos de Hitler foram crescendo com o tempo. Primeiro ele era o cara que ia resolver o problema da Alemanha. Fez algum sucesso, deu dinheiro, o país prosperava, então começou: "ah, vamos dominar a França e a Rússia". Quer dizer, uma expectativa milenarista: "vamos criar o Reich de mil anos". Já pega esta figura tradicional dos mil anos e transpõe para o fenômeno histórico e político do momento que ele mesmo está criando. É uma terrestrialização abrupta que evidentemente só podia dar no que deu. Hoje os desgraçados que estão inventando esse negócio de Nova Ordem Mundial também vão levar uma entortada. Todos estes projetos milenaristas terrestrializados, todos dão errado. Eles são o erro. Mas o milenarismo em si não é errado. Todos temos esperança na salvação de todas as almas. Quando? Do jeito que Deus quiser, quando ele quiser. **[03:10]**

Aluno: A minha pergunta é sobre o exercício de imitação dos clássicos. Há autores com cujo universo imaginário não consigo ter a mínima empatia,

embora reconheça neles a grandeza da expressão. Neste caso, a minha imitação tem assumido invariavelmente a forma de paródia.

Olavo: Paródia é um exercício excelente. A imitação galhofeira é suficiente para os fins almejados? Não fique só nela, evidentemente. Você tem de ter a imitação positiva também, a imitação por admiração, que é aquilo que você quer ser. Mas existe em retórica a figura do anti-modelo, você pegar um autor de quem você quer ser exatamente o contrário. Eu tomei como anti-modelo o Kant. Quero ser o contrário do que ele foi, fazer o contrário do que ele fez.

Aluno: (...) Bastaria copiar as escolhas do vocabulário, fraseado, gírias linguísticas ou seria melhor saltá-los?

Olavo: Não, eu acho que o exercício da paródia é muito bom.

Aluno: (...) Pergunto isso porque percebo no tom humorístico a inevitável posição de recuo que me parece a sua essência desde que me ponho maliciosamente a julgar aqueles com os quais deveria aprender.

Olavo: Não comece fazendo isto. Faça a imitação positiva primeiramente, e depois isto. Porque você vai precisar de um arsenal de recursos positivos pra poder fazê-lo.

Aluno: Boa tarde professor, estou impressionado com a qualidade do curso e só posso agradecer pelo progresso que este vem acarretando ao meu estudo de direito.

Olavo: Obrigado, foi feito pra isso mesmo.

Aluno: (...) Minhas perguntas são quanto ao estudo do Latim e do exercício do necrológico. Primeiro: a Gramática Latina do professor Napoleão Mendes de Almeida é muito boa, mas a quantidade de exercícios nas lições não me satisfaz, o senhor poderia me indicar algum livro de exercícios?

Olavo: Não, não posso. Infelizmente, não há isso. O que havia, enquanto o Napoleão esteve vivo, era o curso de latim por correspondência onde além destes exercícios havia outros, mas não sei se este curso existe ainda. Se ele existe, se a família do homem continua com o negócio, faça o curso.

Aluno: (...) Segundo, a linha de exercícios do padre Narciso Irala: poderia recomendar algum autor para reduzir o comportamento de procrastinação? Isto é um problema que me afeta e me incomoda.

Olavo: Pera aí, um momento, precisa ver se você está procrastinando mesmo. Não quer dizer simplesmente coisas que você não quer fazer. O que você não quer fazer, não faça. O que eu sugiro é o exercício de desimaginação que o Victor Frankl recomenda: quando você está hesitando em fazer alguma coisa, pense assim: “e se eu não fizer?” Na maior parte dos casos você vai ver que não tem importância nenhuma, então você esquece isso. Você tem de esvaziar o problema. Um outro exercício seria aquele da programação neurolinguística: você está com um conflito, então você o imagina, você pega aquela cena que

está te incomodando, da sua própria procrastinação, e imagina que você está vendo esta cena numa tela de televisão. Imediatamente você se desindentifica dela e começa a pensar em outra coisa.

Aluno: Mas e se ele está procrastinando mesmo, o que ele deve fazer?

Olavo: Exatamente isso que eu disse. Ora, a procrastinação em si não é um problema. O problema é um negócio que se chama má vontade ou vontade ou agressividade passiva; isso é causado por um profundo ódio que a pessoa tem a si mesma e aos seus semelhantes. Aí sim, isso vai se manifestar através da procrastinação, das promessas não cumpridas, dos compromissos não respondidos, das tarefas não terminadas, pode ter uma fileira enorme. Mas o problema não são as tarefas em si, não é a procrastinação em si, mas é este fundo de má vontade. Ora, a má vontade é um problema sério e quanto mais você se preocupar com isso e querer se corrigir, pior você vai ficar!

Você tem é que meter o segundo mandamento na sua cabeça. Você tem que começar a amar a si mesmo para amar ao próximo. Eu lhe dou este conselho: nunca fale nem pense mal de si mesmo, nada, nada, nada. Cada vez que você pensar mal de você, peça perdão a Deus imediatamente. Fale assim com Ele: “Você me fez para Você e para a Sua grandeza e eu estou aqui cuspindo no que Você fez. Eu sei que eu sou pequeno, que eu tenho os meus pecados, mas Você tem amor a mim e, portanto, aos Seus olhos eu valho alguma coisa, embora eu não compreenda o porquê”.

Não é o problema do que hoje se chama de má auto-imagem, é um problema muito mais profundo. Não é você cuidar da sua imagem, não é isto. É do amor à sua pessoa real! Você deve pensar assim se você for cristão: o que Jesus faria comigo? O que faria comigo agora? Ele iria me jogar no lixo? Se fosse me matar, por que não me matou? Se ele me mantém aqui é porque Ele ainda espera que eu faça alguma coisa de bom; eu não confio Nele, mas Ele confia em mim. Então você trate de corresponder a esta confiança. É aquele negócio do Henry Miller. Perguntaram para ele se ele acreditava em Deus, e ele falou que o problema não era esse. O problema era saber se Deus acreditava nele.

Quando você vê que Deus acredita em você e ainda está apostando em você, para com esse negócio de cuspir na sua própria cara. Se voce fizer isto, você pára de procrastinar. É um problema afetivo muito profundo. Você pode se ajudar, por exemplo, ao refletir se você gostaria de ser outra pessoa. Às vezes muita gente quer ser tão rico quanto o Michael Jackson. Mas você queria ser o Michael Jackson? Não. Então, você quer só o dinheiro dele sem o resto. Ou então gostaria de ser tão bonito quanto fulano de tal. Mas você queria ser ele? Não. Então, agradeça a Deus por ser você mesmo, todo dia. Isso pode curar você.

Aluno: Como o professor Napoleão recomenda a repetição dos exercícios para a fixação do conteúdo, nos próximos dias enviarei para a página do Seminário os exercícios que fiz, ditados com espaço para responder e o meu gabarito.

Olavo: Ah, você mesmo está inventando o exercício. Então você já resolveu o problema. Muito bom, boa idéia!

Aluno: Esta estrutura do pensamento milenarista se encaixa na doutrina protestante?

Olavo: Certamente, o Lutero era um milenarista do brabo!

Aluno: (...) Disse isto por eu ser um protestante batista. Aprendi sobre o reino milenarista de Cristo, como uma imposição Dele sobre nós.

Olavo: O problema não é ser milenarista, mas não terrestrializar o milenarismo. O milenarismo é sua esperança, não que vai acontecer tal ou qual coisa na história do mundo, mas sua esperança na salvação do Juízo Final, só isso! **[03:20]** Pare de projetar isto na História, pois Deus sabe o que vai fazer conosco no final e espero que Ele nos salve. Você pode ser batista, presbiteriano, evangélico ou qualquer coisa que você queira, vai funcionar. Agora, se você terrestrializou e começou a especular muito sobre a História... Especular sobre a História na perspectiva milenarista sempre dá errado, porque a História não é a vida de um indivíduo que possa ser planejada desde uma imagem de um futuro. A História não tem forma. Acho que isso responde.

Aluno: Interesso-me sobre o assunto da relação do esoterismo e ciência. Quando toco neste assunto, meus professores têm várias reações, desde algo puramente fantasioso à falácia genética. Gostaria de bibliografia sobre este assunto. Estou começando a ler Paulo Rossi e Francis Bacon, Da Magia à Ciência*, e Frances A. Yates,* A Arte da Memória*, Giordano Bruno,* Tradição e Método*.*

Olavo: É muito bom o livro da Frances Yates, mas ela acredita que num certo momento a perspectiva esotérica se converteu efetivamente em ciência moderna, e isto não é verdade. O elemento ocultista está aí presente e com o tempo isto vai ficar demonstrado. Eu pretendo demonstrar isto no meu livro *A Mente Revolucionária*, mas este é um dos pontos mais difíceis da pesquisa, porque só muito recentemente as pessoas começaram a se tocar deste negócio. Eu vou escrever alguma coisa sobre isto e lhe darei algumas indicações bibliográficas. Vai sair, vou pôr isto no *Diário do Comércio*. Vou lhe indicar um livro muito bom: William Eamon, *Science and The Secrets of Nature*. Este livro aqui é muito importante para este tema. Existem muito outros, aguardem que eu lhes darei algumas dicas.

Todo mundo que mexe neste assunto, mexe com uma timidez e com um cuidado para não ofender a ciência moderna. Espera aí, por que isso? Por que esse terror? Você acha que está em algum departamento científico e as pessoas vão lhe demitir? Você está com medo por quê? Por que nós não podemos nos desligar da nossa época e tentar pensar as coisas num plano de universalidade? Você acha que a opinião da comunidade científica estará válida daqui a cem anos? Não vai estar nada de pé! E tem cada opinião tão absurda! Tão boboca! Por exemplo, hoje em dia as pessoas são assim: darwinistas e contra o “design inteligente”. Mas não foi o Charles Darwin que inventou o “design inteligente”? Você tem um estudioso que mostra que essa figura de linguagem, por assim dizer, esse *topus* do “design inteligente” está subentendido em toda a estrutura do evolucionismo darwiniano. Então, se

você jogar fora uma destas coisas, você vai jogar fora a outra. Você pode até inventar um outro evolucionismo, mas não diga que é darwinismo. Tem uma pergunta do grupo de Londrina:

Aluno: O livro O Erro de Narciso, de Lavelle, é um bom texto para o exercício de leitura pouco a pouco?

Olavo: Sim, e este livro será editado por nós. Aliás, quero avisar vocês de uma coisa. Dos vários livros que são aqui mencionados, nós vamos publicar uma edição especial a preço de banana para vocês, para os alunos do Seminário. Depois, o que sobrar da edição, nós colocaremos à venda por um outro preço bem maior. Quando cada livro estiver já em impressão, eu vou anunciar isso aqui para que vocês o encomendem. Aqueles que encomendarem, tirarão por um preço que é para os membros do Seminário. Alguns livros do Louis Lavelle como, por exemplo, *A Presença Total* e o próprio *O Erro de Narciso* estão programados para isto.

Aluno: Em sua obra Eu e Tu*, Martin Buber distingue duas maneiras de percepções determinadas pela palavra-princípio que adotamos do conhecimento da realidade. Assim, partindo da necessidade de tornar previsíveis as presentificações de certas realidades, travamos uma relação que o autor denomina como "Eu-Isso". Nesta esfera, a aceitação da concretude do real impossibilitaria o controle exercido pelo homem sobre a mesma. No outro pólo, Buber diz que a mesma realidade encarada como um "Tu" pode ser recepcionada como algo incompatível aos anseios dos esquemas que buscam uma previsibilidade controladora.*

Olavo: Isto aqui está dito de uma maneira muito complicada, mas é batata, isto é exatamente assim! O que o Buber está dizendo é o seguinte: se você coloca a realidade como um "Isso", como um objeto, ao fazer isto, você é obrigado a adotar diante dela a atitude abstratista a que nós nos referimos no começo da aula, que é a atitude da chamada ciência moderna, que é recortar certos pedaços que convém a ela e não à realidade, e, tão logo que se consegue descobrir alguma relação constante, fazer disto o centro da realidade – apagar a realidade concreta e substitui-la pela realidade científica. Ou seja, a visão científica do cosmos passa a substituir o Cosmos. Se você aceita a realidade concreta, daí você entra numa espécie de torpor passivo total e você não pode mais agir sobre a realidade, porque toda ação é específica, é particularizada, como a ação da ciência, por exemplo. Mas, quando você encara a realidade como se fosse uma outra pessoa, daí o desejo de controlar a realidade diminui muito. É claro, porque aí você entrou na aceitação. Mas eu não pensaria nos termos do Buber de encarar a realidade como um "Tu" ou como um "Isso". Eu não consigo pensar nestes termos. Eu não posso pensar a realidade como um "Tu" porque eu estou dentro dela.

Buber é um autor muito sugestivo e muito rico, mas comparado com as explicações de Louis Lavelle fica até meio primário. Eu acho que a idéia de Presença Total não é uma presença diante de mim, é a presença na qual eu estou. Eu me constituo como um eu consciente na medida em que eu assumo a Presença Total na qual eu estou. Ou seja, não há esta coisa do sujeito ser como um oposto ao objeto. É a consciência da Presença Total que me constitui

como um eu consciente. Quanto mais eu aceito a Presença Total, mais eu sou eu mesmo. A consciência se intensifica pela aceitação da Presença Total. Esta coisa do sujeito como o oposto ao objeto, esta é a perspectiva idealista e que é a perspectiva da ciência moderna. Aqui tem o sujeito-observador que sou eu e ali está o objeto. Eu digo: não tem sujeito-observador nenhum, ser observador não é minha natureza. Eu não sou, por natureza, um sujeito-observador. Aquele negócio do Descartes, do eu-pensante: tem o eu-pensante e o eu que tem extensão; aí temos o totalmente subjetivo espiritual e o totalmente objetivo material. Isso é maluquice! Ser sujeito do conhecimento é uma função minha, e não a minha natureza. Se eu não fosse existente, eu não poderia ser pensante também. Não é o "penso, logo existo", porque essa é uma forma até idiota de demonstrar a própria existência. Pensar é uma das modalidades da minha existência. Conhecer é uma das modalidades da minha existência. Só que para eu ter uma destas modalidades eu preciso ter a existência. E eu tenho existência onde? Na Presença Total. É a noção da participação. **[03:30]** É a intensificação da sua consciência de presença. A sua presença no mundo faz parte da Presença Total. Não dá para equacionar isso em termos de "Eu" e "Tu". Eu acho que esta abordagem do Buber, como figura de linguagem, pode até funcionar, mas eu acho que não funciona.

Por hoje eu acho que é só. Eu creio que dentro de um mês, mais ou menos, nós vamos anunciar este programa de livros fundamentais. Até semana que vem, muito obrigado.

Transcrição realizada por: Cynthia Leite, Gilberto Edson, Horácio Neiva, Maria Cristina Albe Olivato, Luíza Monteiro de Castro, Rodrigo Dubal, Ronaldo Lucas da Silva, Vinícius Krause, Milton Nogueira Brando Neto.

Revisada por: José Roberto Zoner Baptista e Marcela Andrade.